

ESCOLA DE SEMIÓTICA

A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura

Irene Machado

Qual seria o sentido de uma disciplina teórica para o estudo da cultura se nela não estivesse pressuposta uma estratégia conceitual diferenciada daquela praticada pela antropologia? Se essa não foi uma preocupação dos semióticos russos ao traçarem os rumos da abordagem semiótica da cultura, sem dúvida foi uma questão que esteve presente ao situarem, no centro dessa investigação, não a cultura propriamente dita, mas sim seus sistemas de signos. Ou, para ser mais preciso, as relações estabelecidas entre diferentes sistemas culturais: dos mitos às religiões; da literatura ao cinema; das artes plásticas às artes cênicas; da magia aos sistemas biológicos; dos comportamentos às máquinas; enfim, da linguagem natural às linguagens criadas para fins específicos. Com isso, a semiótica da cultura entende que nenhum sistema semiótico é dado: todos resultam de construção a partir de diferentes processos de codificação. Graças ao código o sistema é modelizado numa das linguagens da comunicação e, por conseguinte, pode ser lido como texto da cultura.

A concepção da cultura como sistema modelizante não foi apenas uma noção que levou os semióticos russos a definir a cultura como texto. Trata-se de uma formulação que orientou o pensamento formador da disciplina teórica que floresceu na Rússia a partir dos anos 50 e que ficou conhecida como Escola de Tártu-Moscou. Contudo, não é apenas a riqueza dos conceitos que consagraram e propagaram as discussões de Tártu. É preciso reconhecer a atualidade desse pensamento semiótico. Compreender a cultura como texto tornou-se o grande imperativo nesse momento em que a tecnologia dos sistemas comunicacionais e, conseqüentemente, a expansão de seus códigos e de suas linguagens estão diretamente relacionadas às diferentes formas de modelização de

053870

AE

Acadêm. Editorial

FAPESP

um sistema em relação ao outro. O crescimento da rede planetária de comunicação é um exemplo vivo do que os semióticos conceberam como texto, dialógica e daquilo que Iúri Lótran desenvolveu em seus estudos sobre a semiósfera.

Nesse sentido, a Escola de Tártu-Moscou jamais se definiu como uma teoria semiótica sobre os signos e as significações, mas como um conjunto de formulações para a introdução de um modo de olhar os sistemas culturais a partir de uma perspectiva sistêmica e dialogicamente macrossemiótica.

Os estudos reunidos nesse livro foram pensados para oferecer ao estudioso brasileiro as diretrizes desse pensamento. Para isso, traduziu diretamente do russo o texto-manifesto das teses para o estudo semiótico da cultura e o ensaio de Peter Torop que trata de uma avaliação contemporânea da escola. Essas traduções foram inseridas no corpo do texto de modo a conduzir o leitor das idéias formadoras às avaliações críticas, históricas e de expansão. Por isso, reservou para o capítulo final um artigo que procura estabelecer um diálogo entre a semiótica russa e a cultura brasileira.

IRENE MACHADO é professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP onde ministra cursos sobre semiótica da cultura e das mídias a partir dos estudos russos. É editora científica de *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*, lançada em 2001. Publicou, dentre outros, *Analógia do Dissimilar: Bakhtin e o Formalismo Russo* (São Paulo, Perspectiva, 1989) e *O Romance e a Voz. A Posaica Dialógica de Mikhail Bakhtin* (Rio de Janeiro, Imago; São Paulo, Fapesp, 1995).

Um dos modernos instrumentos teóricos para a análise semiótica procede da tendência semiótica que se formou na Rússia a partir dos anos 50 e ficou conhecida como Escola de Tártu-Moscou. Trata-se da concepção de texto como sistema semiótico de diversificada constituição. Contudo, não é apenas a riqueza dos conceitos que consagraram e propagaram as formulações dessa escola de semiótica o assunto deste livro. Há todo um esforço de reconhecimento da atualidade das idéias tão pouco conhecidas entre nós. Compreender a cultura como texto tornou-se o grande imperativo nesse momento em que a tecnologia dos sistemas comunicacionais e, conseqüentemente, a expansão de seus códigos e de suas linguagens estão diretamente vinculadas às diferentes modelizações entre os sistemas culturais. O crescimento da rede planetária de comunicação é um exemplo vivo do que os semióticos conceberam como texto, dialógica e daquilo que Iúri Lótran desenvolveu em seus estudos sobre a semiósfera.

ESCOLA DE SEMIÓTICA

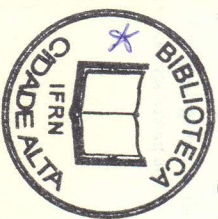
Irene Machado

81'2
M14
2003



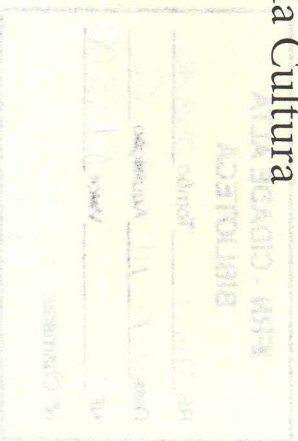
AE

IRENE MACHADO



ESCOLA DE SEMIÓTICA

A Experiência de Tártu-Moscou para o
Estudo da Cultura



AE

Ateliê Editorial



Copyright © 2003 by Irene Machado

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.98.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito da editora.

ISBN 85-7480-117-8

FRN - CIDADE ALTA	
BIBLIOTECA	
RB <u>9631</u>	Tombo <u>053870</u>
Data <u>22/03/11</u>	Aquisição <u>C</u>
NF _____	Valor <u>R\$23,00</u>
Nº Chamada: <u>81'22</u>	
<u>M 499.8</u>	

Direitos reservados à

ATELIE EDITORIAL

Rua Manoel Pereira Leite, 15

06709-280 – Granja Viana – Cotia – SP

Telefone (11) 4612 9666

www.atelie.com.br / atelie_editorial@uol.com.br
2003

Foi feito depósito legal

Agradeco ao professor Peeter Torop, do Departamento de Semiótica da Universidade de Tartu, Estônia, a concessão dos textos russos bem como o direito para a publicação em português.

SUMÁRIO

PREÂMBULO	11
NOTA SOBRE A GRAFIA DOS NOMES RUSSOS	19
1. INTRODUÇÃO	
Um Projeto Semiótico para o Estudo da Cultura	23
<i>Recuperação de um Forte Legado Semiótico</i>	23
<i>Traços de uma Semiótica Sistemática</i>	26
O Exercício Semiótico da Escola de Tártu-Moscou	34
O Núcleo Conceitual Duro da Semiótica da Cultura	36
<i>Início de uma Outra História</i>	44
Os Sistemas Modelizantes da Cultura	49
Teses para uma Análise Semiótica da Cultura	52
Campo Transdisciplinar da Semiótica da Cultura	55
Desdobramentos da Escola de Tártu-Moscou	59
Bibliografia	65

2. A ESCOLA

A Escola de Tártu como Escola – <i>Peeter Torop</i>	69
A Escola como uma <i>Corrente Científica</i>	71
A Escola como <i>Teoria</i>	77
A Escola como <i>Academia</i>	90
A Escola como <i>Faculdade</i>	92
A Escola como <i>Universidade</i>	94

3. AS TESIS

Teses para uma Análise Semiótica da Cultura (Uma Aplicação aos Textos Eslavos) – <i>V. V. Ivánov; I. M. Lótmán; A. M. Piatiógorski; V. N. Topórov; B. A. Uspiénski</i>	99
<i>Postscriptum</i> às Teses Coletivas sobre a Semiótica da Cultura – <i>Iúri M. Lótmán e Bóris A. Uspiénski</i>	133

4. METALINGUAGEM

Competência Semiótica	141
<i>Modelização e Competência Interpretativa</i>	143
<i>Modelização e Competência Metalingüística</i>	146
<i>Modelização como Metáfora Epistemológica da Semiose</i>	148
<i>Alfabeto Semiótico e Terminologia Científica</i>	151
<i>Vocabulário Básico de Semiótica da Cultura</i>	155
<i>Bibliografia</i>	170

APÊNDICE

Projeções da Semiótica da Cultura no Brasil	173
<i>História Textual</i>	175
<i>Semiótica da Cultura como Programa de Defesa da Semiodiversidade</i>	181
<i>Bibliografia</i>	186
ÍNDICE REMISSIVO	189

PREÂMBULO

Todos aqueles que trabalham com bibliografia de teóricos da literatura e artes bem como de semioticistas russos conhecem o dilema de acesso aos textos. A sorte dos teóricos entre nós não foi a mesma daquela dos escritores, poetas ou romancistas. Curiosamente, mesmo não contando com uma produção farta e continuada, as teorias russas têm uma presença e uma pertinência marcantes nos estudos que aqui são desenvolvidos nos campos da arte, da literatura, da lingüística e da semiótica. Temos, no Brasil, uma verdadeira “necessidade cultural” de desenvolvimento de estudos teóricos russos. Prova disso é que nem mesmo a cátedra de obras traduzidas ou a dificuldade de acesso aos textos impediram que se formassem por aqui obras críticas que têm garantido um diálogo profundo com as investigações de tão distante paragem. Sem dúvida alguma devemos muito ao trabalho pioneiro de Bóris Schnaiderman, professor, tradutor e ensaísta que introduziu os estudos russos no Brasil, e ao “talento polidérico” de Haroldo de Campos (deixarei para um segundo momento a explicitação da força conceitual desse atributo que dedico ao trabalho de Haroldo de Campos).

Esse livro surgiu de uma dupla ousadia: atender à necessidade de disseminação das idéias russas entre os estudiosos brasileiros e dar continuidade, ainda que modestamente, ao empreendimento de meus mestres. Essa tarefa, além de não ser fácil, implica uma imensa responsabilidade.

A idéia de que a dificuldade de acesso aos textos não impediu a formação de um campo de investigação favorável é uma questão delicada e merece ser examinada com cuidado.

Comecemos pela tentativa de eliminação de equívocos.

Existe, de fato, uma carência de tradução das teorias russas. Contudo, isso não deve ser atribuído tão-somente ao fato de haver “poucos” estudiosos da língua russa no Brasil. Afinal, e felizmente, temos não apenas traduções de excelência das obras de Dostoiévski, Tolstói, Púchkin, Maiakóvski, como também traduções renovadas e muitas delas refeitas. O problema que envolve os textos teóricos é, reconhecidamente, de outra natureza.

Tampouco quero correr o risco de atribuir a falta de traduções de teóricos russos, comparativamente aos escritores da literatura, a um suposto desconhecimento. Reconheço que não temos ainda uma forte e farta tradição crítico-teórica na área. A verdade é que os estudiosos da literatura, da arte e das teorias russas não são, necessariamente, aqueles que dominam a língua e, inversamente, muitos dos que dominam a língua não manifestaram vocação para os estudos teóricos. Uma coisa, porém, é certa: grande parte daqueles que se iniciam nos estudos teóricos da literatura, da arte, da lingüística, da semiótica de extração russa, descobre um manancial de reflexões críticas potencialmente capazes de mobilizar o pensamento e dar respostas precisas a conjuntos de problemas das mais variadas fontes. E é exatamente aqui que a presença dos russos dentre nós se torna incisiva!

Roman Jakobson é uma das presenças mais contundentes de nosso cenário acadêmico e intelectual. Ainda que não tenhamos uma

merecida divulgação das centenas de artigos que publicou nas mais variadas línguas do Ocidente e do tronco eslavo, temos *Lingüística e Comunicação* (São Paulo, Cultrix, 1971), um livro que, editado especialmente para o leitor brasileiro, cumpriu sua função: alterou radicalmente os currículos de cursos universitários e até mesmo do estudo da língua como fenômeno de comunicação nas escolas de formação básica. Qual é o manual escolar que não inclui no elenco de sua temática o estudo sobre as funções da linguagem? Qual é a pesquisa acadêmica em comunicação que não recorre a esse estudo para entender as línguas dos meios de comunicação?

Jakobson encontrou no Brasil não apenas interlocutores e amigos como Haroldo de Campos e Bóris Schnaiderman (responsáveis igualmente pela edição do volume que reúne as palestras de Jakobson no Brasil em 1972: *Lingüística. Poética. Cinema*, São Paulo, Perspectiva, 1980). Foi o mestre de nosso conceituado lingüista Joaquim Mattoso Câmara, responsável pela tradução do monumental *Fonética e Fono-logia* (Rio de Janeiro, Acadêmica, 1969). Amigos e discípulos não pouparam palavras para honrar o semiotista da lingüística e da poética. Para João Alexandre Barbosa (editor de *Poética em Ação*, São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1990), Jakobson é um continente; para Haroldo de Campos, é o poeta da lingüística.

Outro teórico cuja obra já conquistou sua importância entre nós é Mikhail Bakhtin. Contudo, diferentemente do que aconteceu com a obra de Jakobson que carece ainda de traduções, os textos de Mikhail Bakhtin e de seu círculo intelectual já se encontram praticamente traduzidos para o português e amplamente disseminados. Nesse caso, vale destacar o importante trabalho de Paulo Bezerra, que não é um simples tradutor, mas um profundo conhecedor do pensamento e das condições em que o teórico do dialogismo concebeu, escreveu e publicou seus trabalhos. Bezerra acaba de nos brindar com a tradução de uma das obras mais polémicas do grupo: *O Freudismo*, escrito, evidentemente, por Valentim Volochinov, mas que a edição brasileira atribui a Bakhtin (São Paulo, Perspectiva, 2001). Tornou-se praticamente impossível estudar semiótica da cultura no Brasil fora da perspectiva

1. A esse tema dediquei o artigo: “Projections: Semiotics of Culture in Brazil”, *Tarta, Sign Systems Studies*, nº 29, 2, 2001 (“Projeções da Semiótica da Cultura no Brasil”, ver Apêndice).

teórica traçada por Bakhtin. E não estou dizendo isso pensando apenas nos casos de análise de sistemas culturais brasileiros. Estou me referindo a todo e qualquer estudo sobre qualquer sistema da cultura, como, por exemplo, os tão disseminados estudos sobre o hibridismo, a criouliização, a mestiçagem da cultura na era da tecnologia digital.

A par dessas presenças gloriosas, não podemos ignorar as grandes ausências. E aqui, sim, é possível verificar o quanto a falta de materiais prejudicou a formação de pensamentos mais apurados. Esse é o caso dos conjuntos teóricos produzidos por dois grandes eixos de investigação: as obras crítico-criativas do formalismo russo e os estudos de semiótica da cultura da Escola de Tártu-Moscou. Para a vertiginosa produção dos formalistas o volume básico continua sendo a edição *Teoria da Literatura: Formalistas Russos* (Porto Alegre, Globo, 1972). Apesar de reunir textos inaugurais desse movimento das idéias poéticas do início do século, o volume não dá conta da produtiva relação desses teóricos com o construtivismo, com o cinema, com o teatro e com a política de seu tempo, como pude examinar em outro trabalho (*Analogia do Dissimilar. Bakhtin e o Formalismo Russo*, São Paulo, Perspectiva, 1989). Tomando por base esses poucos textos, é pouco provável que seja possível formular julgamentos de reconhecido rigor científico. E, no entanto, não têm sido poucas as críticas e desagradáveis a academia tem desferido contra o conjunto de formulações.

Quanto às teorias dos semioticistas da Escola de Tártu-Moscou, é possível dizer que são praticamente desconhecidas. Também o vasto conjunto de textos produzidos pelos mais variados teóricos se limita à única edição: *Semiótica Russa* (São Paulo, Perspectiva, 1979), organizada por Bóris Schnaiderman com um time de tradutores altamente especializados.

O grande mérito desse quadro das publicações russas entre nós, que oscila entre altos e baixos, permanecendo bem longe do razoável, é não ter impedido o desenvolvimento dessa linha de pesquisa. A razão para isso é simples: os estudiosos brasileiros que não lêem russo habituaram-se ao estudo comparativo das versões nas mais variadas línguas ocidentais. Reconhecemos que, apesar de toda a dificuldade, não se pode prescindir

do pensamento russo no campo da teoria literária, das artes, da lingüística, da comunicação e da semiótica. Por isso, tenho insistido na defesa do aumento quantitativo de traduções e qualitativo de pesquisas teórico-críticas. O problema da língua, bem como a falta de tradutores especializados nas questões teóricas, nunca foram e não podem ser obstáculo para a compreensão desse pensamento. Aqui meu ponto de vista pode seguir numa direção contrária à de muitos estudiosos dos autores russos que defendem o conhecimento da língua como a única via de acesso às formulações teóricas. Ainda que respeite tal posicionamento, não é isso que tenho defendido.

Na verdade, meu pensamento se encaminha num sentido oposto. Penso que a maioria dos estudiosos das teorias e das obras crítico-criativas (artes, cinema, teatro, música) não podem realizar nenhuma pesquisa de rigor científico comprovado contando apenas com os originais em russo. Vou tentar explicar.

Quando iniciei minha pesquisa sobre o formalismo russo no contexto do construtivismo dos anos 20 (*Analogia do Dissimilar*, cit.), a experiência me levou a formar esse posicionamento. Na conturbada década de 70 era quase impossível conseguir textos em russo de autores como Viktor Chklóvski, Iúri Tinianov, Bóris Eikhenbaum e outros. Sobre a arte construtivista então nem pensar. Não que não existissem, mas simplesmente porque não era fácil o acesso. Na verdade, tivemos acesso a grande parte da produção dos chamados formalistas graças às publicações, quase clandestinas, em línguas ocidentais. Qual era a saída? Recorrer a todas as versões. Essa foi minha estratégia. A opção por um estudo comparativo de versões e de cotejo com o original russo quando isso é possível é, de fato, trabalhosa mas me tem garantido um diálogo profícuo com os conceitos, com as formulações e com os termos do jargão científico. O argumento mais forte que me ficou dessa experiência é que, ao formular o pensamento numa determinada língua, é impossível escapar da modelização semiótica e do diálogo das idéias. Quando se trata de compreender as teorias lingüístico-semióticas é impossível prender-se ao domínio da língua única. Esse, evidentemente, é um aprendizado que adquiri de Bakhtin.

Há também o caso dos textos publicados inicialmente em línguas ocidentais, e não se entenda por isso facilitação do acesso. Veja-se, por exemplo, o caso de *The Universe of the Mind e Acerca de la Semiosfera*, de Iúri Lóttman. Há ainda os livros que foram traduzidos para o inglês, o italiano e o espanhol mas editados com títulos diferentes da edição russa e com artigos diferentes. Veja-se, por exemplo, o caso da obra de Mikhail Bakhtin, cujos títulos e compilações examinei em outro estudo (*O Romance e a Voz. A Prosaica Dialógica de Mikhail Bakhtin*, Rio de Janeiro, Imago, 1994). Diante disso, tenho defendido a idéia de que quem se aventura a estudar as teorias russas deve se dispor a um exercício de poliglôto. Nem mesmo as traduções realizadas diretamente do russo podem prescindir de uma comparação com as várias versões em línguas ocidentais.

Além do problema linguístico e editorial, as teorias literárias e semióticas formuladas no contexto russo constituem um campo conceitual que exige um certo empenho daqueles que as manipulam. São idéias forjadas no confronto de muitas linhas do pensamento científico e artístico. Muitas delas exigem uma radical mudança de avaliação crítica para que possam surtir efeitos de análise. Esse aspecto é o maior desafio para o trabalho de tradução. Não basta conhecer a língua, é preciso um certo contato com o universo cultural, com a complexidade do pensamento teórico e um profundo entrosamento com o ambiente formador das idéias.

É dentro desse contexto que venho trabalhando e no interior do qual ousou oferecer ao público esse livro sobre teóricos russos. Estudiosa das teorias artístico-científicas e da semiótica russa há mais de duas décadas, atrevo-me a consultar os originais russos para desfazer alguns equívocos, nunca sem um grande esforço de adivinhação. Depois de enfrentar as produções do formalismo e do construtivismo, do círculo de Bakhtin, senti necessidade de encerrar o pensamento da escola de Tártu-Moscou e sistematizá-la numa edição introdutória. A primeira iniciativa nesse sentido foi dada numa publicação *on line*. Juntamente com alunos de pós-graduação do curso de Comunicação e Semiótica na PUC-SP a partir de 1998, construímos uma *homepage*

sobre semiótica russa². Esse estudo tem prestado esclarecimentos a muitos estudiosos leitores de textos em português. A aceitação me estimulou a pensar numa publicação em livro.

A idéia era, inicialmente, traduzir apenas o texto das *Teses para a Análise Semiótica da Cultura* e publicá-lo numa revista ou caderno. Ao entrar em contato com o professor Peeter Torop, da Universidade de Tártu, Estônia, um dos responsáveis pelas edições e reedições dos textos dos semioticistas russos, alterei o plano inicial. Além de me conceder o direito à publicação das *Teses* em português e de me enviar a publicação em russo, em inglês e em estoniano — como se vê, os próximos editores já não contam com o postulado da língua única — o professor Torop brindou-me com um prefácio que escrevera para uma coletânea de artigos sobre Lóttman³. Esse prefácio chama-se exatamente “A Escola de Tártu como Escola”. O panorama que esse texto traça do pensamento de Lóttman e da Escola de Tártu-Moscou me levou a pensar num volume alternativo. Em vez de publicar tão-somente o texto das *Teses*, decidi escrever um texto com informações introdutórias sobre a Escola de Tártu-Moscou que pudesse abrigar o texto do professor Torop, para quem a história da ETM se confunde com a atividade de Iúri Lóttman, cuja atuação na Universidade, ao longo de cinco décadas, pode ser considerada impecável.

Os capítulos ficaram assim distribuídos. Na Introdução, procurei traçar o percurso fundador das concepções da Escola de Tártu-Moscou. Na sequência o artigo do professor Torop, que foi traduzido do russo especialmente para essa edição. O capítulo três foi reservado para as *Teses*. O quarto capítulo, que chamei de “Metalinguagem”, foi concebido a partir do material que recebi do professor Torop. No mesmo pacote em que me enviara a publicação em russo, em inglês e em estoniano do texto das *Teses*, o professor Torop incluiu uma edição especial da revista *Σημειωτική. Sign Systems Studies*⁴, nº 2, 1999, que é simplesmente

2. <http://www.pucsp.br/~cos-puc>

3. Lotmanovskii sbornik (*Antologia Lotman*), Moscou, 1995.

4. Materiali k slovariu terminov Tartuska-Moskovskoi semioticheskoj shkoly (*Materiais para o*

uma raridade: um dicionário com a terminologia científica criada pelos semioticistas da Escola de Tártu-Moscou. Evidentemente, não traz o campo conceitual que estava disperso na *homepage* sobre semiótica russa. Finalmente, incluí, em forma de apêndice, um artigo que foi escrito para o volume 29.2 da série *Σημειωτική. Sign Systems Studies*, da Universidade de Tártu, dirigida pelo professor Torop. Esse texto apresenta uma pequena contribuição para o estudo da presença da semiótica da cultura no Brasil bem como da importância de seus conceitos para a compreensão do caráter semiótico de nossa cultura.

Para cumprir a tarefa de uma tradução que levasse em conta a diversidade das versões, o texto das teses foi submetido ao confronto das versões em inglês e em italiano. Contei, para isso, com o trabalho de tradução do russo, realizado por Marina Tenório, de tradução do inglês, realizada por Gerson Tenório dos Santos, e de tradução do italiano, realizada por Renata Costa. A edição do texto em português só foi possível a partir dessas versões.

Se esse material servir para aqueles que se interessam por semiótica conquistarem um outro olhar para os sistemas de signos da cultura, minha ousadia estará recompensada.

IRENE MACHADO

NOTA SOBRE A GRAFIA DOS NOMES RUSSOS

No decorrer de minha exposição, adotei a transcrição dos nomes seguindo o critério já adotado para a grafia fonética em língua portuguesa. Procurei conservar soluções já adotadas em outras edições, particularmente no que se refere à acentuação. Escrevi, por exemplo, Íuri Lótman; Bóris Uspiénski; Eleazar Mielietínski; Aleksandr Piatígórski. Nas referências bibliográficas e nas indicações de fontes no interior do texto conservei a grafia do nome tal como aparece na publicação consultada.

O respeito ao nome que aparece na edição me obrigou a adotar uma variedade de escritas dos nomes, por exemplo, de Lótman: Yúri (em referência aos textos em inglês); Iurij (em textos em italiano); Iuri (em textos em espanhol). A grafia do nome e o ano identificam a publicação consultada, cuja referência completa consta da bibliografia no final do capítulo. Daí por que, também na bibliografia, as indicações completas dos textos consultados são organizadas em função do nome que consta na edição.

I. INTRODUÇÃO

UM PROJETO SEMIÓTICO PARA O ESTUDO DA CULTURA

Recuperação de um Forte Legado Semiótico

Um dos mais brilhantes representantes da ciência eslava no século XVIII, um dos fundadores da Universidade de Moscou em 1755, foi um sábio que manifestou seu talento como físico, químico, geólogo, geógrafo, historiador, filólogo, estadista e... como refinado poeta. Com todos esses méritos, Mikhail V. Lomonóssov (1711-1765) reproduz a imagem não de um mero enciclopedista mas de um pioneiro no estudo da ciência como arte e da arte como ciência. Grande naturalista, deixou importantes contribuições para a compreensão da natureza do ar, da matéria e da eletricidade. O que mais intriga em homens como esse é o “talento polidrico” de que falava um outro russo, o semiótico Lúri Lótmán (1999, p. 149), uma vez que reproduz inteligências cuja capacidade criadora não enxerga limites, podendo estabelecer conexões onde muitos só vêem compartimentos e ver problemas onde o senso comum já fixou verdades. Talentos como esses não só atuam em regiões fronteiriças como também

fazê-lo, não estimula a compactação de respostas fechadas; pelo contrário, opera deslocamentos para outros ângulos.

Adentrar o portal dessa escola em busca de um contato com essa radicalidade é a proposta elemental desse estudo. Proponho, para isso, alinhar os tópicos basilares do programa que transformou a intervenção em disciplina para o estudo semiótico da cultura. Entrar em contato com algumas linhas de pensamento de grandes mestres, introduzir os conceitos elementares de seu projeto, delimitar as estratégias que conduziram àquilo que tenho chamado de “alfabetização semiótica” são tarefas não menos importantes. Tomo cada uma delas como um posicionamento para alcançar aspectos fundantes das intervenções praticadas por semioticistas de *talento polidáctico*.

Nesse sentido, não seria nada exagerado chamar Lomonósov de semioticista. Afinal, o sábio dedicou sua vida à “construção” da língua russa com o mesmo empenho com que se lançou à leitura de fenômenos do universo. Ler o dinamismo da natureza como processo sígnico, como produtor de sistemas semióticos, como atividade de culturalização da mente ou simplesmente como semiose, foi fundamental para definir as grandes balizas dos estudos semióticos russos, que abriram um domínio de novas idéias científicas muito apropriadamente denominado semiótica da cultura.

É a partir do retrato associado à figura de Lomonósov que quero pensar o contexto dos estudos semióticos russos cujas intervenções merecem atenções mais cuidadosas da parte dos pesquisadores da área. O que está na pauta de toda essa prática investigativa é a compreensão do mundo como linguagem, que se manifesta em várias formas de comunicação e em domínios igualmente diversificados.

Traços de uma Semiótica Sistemática

A Escola de Tártu-Moscou (ETM) se constituiu nos anos 60 na Universidade de Tártu, Estônia, como espaço de discussão entre pesquisadores que procuravam compreender o papel da linguagem na

cultura. Tarefa nada fácil, uma vez que nas ciências como a antropologia, a sociologia e a recém-inaugurada linguística, linguagem e cultura implicavam-se mutuamente; não havendo nada, portanto, a questionar. Que problemas os semioticistas enxergaram nessa concepção?

Em primeiro lugar, a noção de totalidade. Se linguagem é sistema codificado – diferentes linguagens codificam suas mensagens de modo diferente – seria possível considerar a variedade de códigos culturais como constituintes de uma só linguagem? Evidentemente qualquer afirmação nesse sentido comprometeria o próprio conceito de linguagem; afinal, como explicar a codificação da literatura, da mitologia, do folclore, da religião, das artes em geral, à luz de um mesmo e único processo ou conjunto de signos? O questionamento das noções de totalidade e de impregnação mútua me parece o desencadeante primordial para a caracterização do problema que levou a abordagem semiótica da cultura para caminhos diferentes daqueles consagrados pelas ciências humanas.

Contra a noção de totalidade, os semioticistas propuseram a noção de *traço*. Uma vez que é impossível situar num mesmo conjunto sistemas tão distintos, o que está ao alcance da abordagem semiótica são os traços que constituem diferentes sistemas de signos. É a noção de traço, cuja formulação não esconde a forte influência do conceito jakobsoniano de fonema, não como unidade, mas como feixe de traços distintivos cuja ação produz os signos da língua, que abre um outro caminho, fazendo com que a abordagem semiótica tomasse um rumo independente de ciências como a antropologia ou sociologia. É impossível postular o caráter semiótico da cultura senão a partir das esferas que a constituem e, tomadas umas em relação às outras, não são mais do que traços, ou, melhor, feixes de traços distintivos e em interação. A idéia de que a cultura é a combinação de vários sistemas de signos, cada um com codificação própria, é a máxima da abordagem semiótica da cultura que se definiu, assim, como uma *semiótica sistemática*.

Os primeiros estudos produzidos em Tártu encontram-se fortemente marcados pelos princípios do pensamento sistemático. A pro-

posta que procurava compreender o mito, a religião, o folclore, a literatura, arte, teatro, cinema, costumes, ritos, hábitos, comportamentos como linguagem se orientava por um princípio segundo o qual a codificação do sistema em si não acontece independentemente de sua relação com outros sistemas. Abria-se, assim, a possibilidade de considerar o sistema no contexto de uma ampla tradição. Evidentemente, a noção que entende a sincronia no contexto da diacronia também é um legado de Jakobson; contudo, para a abordagem semiótica, esse tipo de inserção nada mais é do que a caracterização de todo sistema aberto. Nesse sentido, o pensamento sistêmico alcança um dos aspectos mais caros do mecanismo semiótico da cultura: a tradução da tradição. Trata-se de um mecanismo fundamental para compreender aquilo que denominamos aqui intervenção semiótica na cultura. A formulação desse mecanismo decorre da análise da compreensão do encontro entre culturas como uma experiência dialógica e, portanto, semiótica. Aqui também se colocou um problema para a noção de choque cultural consolidada no campo da história política e social. O que levou os semioticistas a falarem de encontro dialógico em vez de choque? Na resposta a essa questão encontraremos um dos argumentos-síntese da tradução da tradição.

Devemos a Bakhtin a noção de encontro dialógico entre culturas como forma de enriquecimento mútuo. Para o teórico do dialogismo, o simples fato de toda cultura ser uma unidade aberta já é o indicativo de que é próprio da cultura interagir e conduzir sua ação em direção a outra, vale dizer, experimentar outra. Duas formulações importam nesse momento: primeira, a idéia de que toda cultura vive uma grande temporalidade por ser uma unidade aberta; segundo, a noção de que a identidade de uma cultura se constitui a partir do olhar do outro, daquilo que Bakhtin chama extraposição.

Na cultura, a extraposição é o instrumento mais poderoso da compreensão. A cultura alheia só se manifesta mais completa e profundamente aos olhos de outra cultura (mas não ainda em toda sua plenitude, porque aparecem outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido descobre

suas profundidades ao encontrar e ao tangenciar outro sentido, um sentido alheio: entre eles se estabelece um tipo de *diálogo* que supera o caráter fechado e unilateral desses sentidos, dessas culturas. Dirigimos à cultura alheia novas perguntas que ela não havia se colocado, buscamos sua resposta a nossas perguntas e a cultura alheia nos responde descobrindo diante de nós seus novos aspectos, suas novas possibilidades de sentido. Sem suas próprias perguntas não se pode compreender criativamente nada que seja outro e alheio (claro que as perguntas devem ser sérias e autênticas). No encontro dialógico, as duas culturas não se fundem nem se mesclam, cada uma conserva sua unidade e sua totalidade *aberta*, porém ambas se enriquecem mutuamente (Bakhtin, 1982, p. 352).

Os formalistas russos já haviam defendido em seu tempo a noção de abertura como fundamento de toda experimentação. Esse é o posicionamento de Bóris Eikhenbaum (1886-1959) ao afirmar que

[...] não existe uma cultura pronta. Toda nova etapa da cultura, dentro de qualquer domínio, exige experimentação. Mais ainda, aquilo que num primeiro momento parece experimental se revela em seguida um fato cultural autêntico. Tudo o que há de novo na arte se apresenta, antes de tudo, como experimentação e provoca, por isso mesmo, a incompreensão ou a cólera do público. Foi assim que se fizeram os clássicos (Eikhenbaum, 1996, p. 223).

Tanto as formulações de Bakhtin como as de Eikhenbaum se tornaram fundamentais para o desenvolvimento da idéia de tradução da tradição como um dos mecanismos básicos da abordagem semiótica. Um dos trabalhos inaugurais da ETM, o texto-manifesto denominado *Teses para uma Análise Semiótica da Cultura (Uma Aplicação aos Textos Eslavos)*^{*}, é prova evidente dessa preocupação. Embora o conteúdo das idéias básicas das teses seja o ambiente da contemporaneidade, o direcionamento é dado pela cultura eslava remota. Somente em relação a essa tradição é possível falar de experimentação ou surgimento de novas idéias, novos traços, novos códigos. Para a abordagem sistêmica, a dinâmica das relações jamais pode ser desconsiderada. Eis o que afirmam os semioticistas:

* Esse texto foi especialmente traduzido para esse volume. Ver adiante p. 99.

A investigação científica não é somente um instrumento para o estudo da cultura, mas é também parte de seu objeto. Os textos científicos, sendo metatextos da cultura, podem ao mesmo tempo ser considerados como textos desta. Portanto, qualquer idéia científica significativa pode ser considerada tanto como uma tentativa para conhecer a cultura quanto um fato da vida desta através do qual seus mecanismos gerativos operam. Desse ponto de vista podemos levantar a questão dos estudos semiótico-estruturais modernos como um fenômeno da cultura eslava (o papel da tradição tcheca, eslovaca, polonesa, russa e outras) (ver p. 132 deste livro).

A tradução da tradição pode ser assim compreendida como um encontro entre diferentes culturas a partir do qual nascem códigos culturais que funcionam como programa para ulteriores desenvolvimentos. Nesse caso, os códigos culturais são fontes de geração da memória não-hereditária, tal como a entendeu Lóttman, que se encarrega de formatar os sistemas semióticos da cultura. Essa noção é condicionada pela orientação cibernética que orientou as discussões da ETM. Basta lembrar que *programa, comportamento, código* são remissões diretas a *controlé* de ação na concepção cibernética. Seguindo tal coordenada, os semioticistas entenderam que, na tradição da cultura eslava, os códigos culturais que se desenvolveram no encontro entre os povos eslavos e os bizantinos podem ser considerados programa de comportamento, cujo principal objetivo era *traduzir a tradição*.

Um dos marcadores desse posicionamento teórico-cultural é, sem dúvida alguma, a arte medieval dos ícones. Que são os ícones senão a recodificação de sistemas figurativo e narrativo produzido pelo encontro entre culturas? *Grosso modo*, os modelos que vieram de outro contexto foram retrabalhados dando origem a linguagens plásticas específicas. Em torno dele gravitavam, igualmente, outros sistemas: a arquitetura em pedra, a pintura monumental, os mosaicos e os vidros coloridos, as iluminuras dos livros. Cada um deles constituiu um sistema dotado de linguagem visual própria, resultante da reformulação de modelos artísticos bizantinos segundo a tradução que lhe foi conferida pelo contexto eslavo. Nesse sentido, a herança das tradições remotas funcionou como um programa de ação, de intervenção e de experimentação. A tradição foi, assim, traduzida, fazendo com que o

novo sistema se tornasse tributário de outros, que não foram, assim, destruídos, mas recodificados. Cria-se uma linha de integração de sistemas. A experimentação da vanguarda do início do século confirma e endossa tal pressuposto, uma vez que, no construtivismo russo, a matéria-prima da construção era proveniente do que estava disponível na cultura.

Tais experiências de diálogo cultural forjaram a noção de sistema que está no horizonte das discussões desse estudo. Para a condução do processo experimental é preciso tomar experiências anteriores como programa. Não é para firmar nenhum tipo de gênese semiótica que se faz importante situar o mérito do encontro da tradição eslava com a bizantina. Na verdade, o aspecto mais importante a ser considerado são os rumos claramente configurados em prol de uma abordagem sistêmica, que aqui se contrapõe ao sincretismo. Enquanto, nesse último, os componentes culturais se misturam, na abordagem sistêmica domina a tendência segundo a qual os modelos são interdependentes a ponto de uns serem tomados como programas para o comportamento e para a ação, ou, melhor, para a intervenção. Segundo esse ponto de vista, a cultura é informação que precisa ser traduzida em alguma forma de comportamento graças ao qual é possível alcançar as relações entre os diferentes sistemas. São muitas as implicações que tal posicionamento trouxe para a semiótica sistêmica, sobretudo no que diz respeito à noção de cultura como texto. O que interessa aqui é esboçar as linhas desse conceito, como ele firmou as bases da semiótica sistêmica apoiada na dinâmica da modelização. Afinal, não existe definição semiótica da cultura fora da esfera do funcionamento que garante a passagem de um sistema a outro.

A ETM não apenas conduziu investigações segundo o pensamento sistêmico, como também se anunciava herdeira de legados de diferentes sistemas de pensamento das tradições científicas. Por um lado, as experiências teórico-criativas do século XX que consolidaram a arte do construtivismo russo e favoreceram o surgimento de centros de pesquisa cujo objetivo era a construção de uma *ciência da linguagem*: o Círculo Lingüístico de Moscou (fundado em 1914 por estudantes

como Roman Jakobson) e a Associação para o Estudo da Linguagem Poética (a OPOIAZ – Obchestvo por Izutcheniu Poeticheskovo Iaziká – fundada em 1917 em Petrogrado, hoje Petersburgo, por estudantes liderados por Viktor Chklóvski). Por outro lado, mas não em oposição às experiências da vanguarda e sim em relação a elas, estão os estudos sobre a eslavística, o folclore, as tradições mais antigas, como o legado do renoto Império Bizantino. Contudo, o contexto imediato dos conceitos de Tártu foi aquele trazido pela cibernética e pela teoria da comunicação e da informação. Graças ao convívio com o pensamento cibernético foi possível a prática da tradução da tradição referida anteriormente. No âmbito da abordagem semiótica da cultura, sem uma confluência transdisciplinar seria muito difícil admitir as bases de um pensamento sistêmico.

Também vale considerar que uma das coordenadas fundamentais da pesquisa semiótica de caráter sistêmico procede dos estudos comparativos fundados no binarismo. Aos antigos eslavos se atribui o hábito de examinar, numa única manifestação cultural, diferentes níveis de organização que reproduziam, entre si, pares de oposição binária. Com base nessa estratégia comparativa se estudava, por exemplo, a complexidade do sistema religioso eslavo constituído a partir do contato com a civilização bizantina. O aspecto fundamental que nos interessa aqui é a análise das oposições binárias como *relações complementares*. Trata-se de compreender que, embora seja inconcebível tomar o encontro entre diferentes culturas fora das determinações sociais de todo confronto político, as linhas de força em disputa não se confundem. As culturas não se anulam, mas propiciam outras injunções. No caso que estamos focalizando, o encontro entre a cultura eslava e a bizantina pode ser analisado como relação de complementaridade, uma vez que uma funciona como programa para a reorganização da outra. As noções de binarismo como oposição complementar e de encontro cultural como programa para novas injunções na cultura estão na base da semiótica sistêmica da ETM.

Essas considerações preliminares, ainda que apresentadas muito esquematicamente, têm por objetivo apenas situar o contexto do pen-

samento sistêmico subjacente ao projeto da ETM. Para a abordagem semiótica, diferentemente da sociologia ou da antropologia, cultura não se confunde com sociedade. Cultura significa o processamento de informações e, conseqüentemente, organização em algum sistema de signos, ou de códigos culturais. Nesse sentido, a semiótica da cultura trabalha com um intervalo: a transformação da não-cultura em cultura. O que está na pauta de estudo é uma dinâmica transformadora.

Esse é um fato que deve estar na abertura de qualquer compreensão das práticas científicas russas no campo da semiótica. Tal será, por conseguinte, a coordenada guia desse estudo sobre a escola de Tártu-Moscou, de seu projeto para a abordagem semiótica da cultura e, principalmente, da força catalisadora de seus mestres no sentido de construir uma disciplina teórica para os estudos da cultura.

Não cabe a mim, evidentemente, narrar as memórias da ETM nem tampouco emitir comentários sobre as atividades de Tártu e de seus mestres. Nada do que possa dizer poderá equiparar-se à precisão e brilho de quem recebeu o legado diretamente, caso do professor Peeter Torop, discípulo de Iúri Lótman (1922-1993), um dos diretores do Departamento de Semiótica da Universidade de Tártu e também um dos editores dos trabalhos da ETM. No texto que foi traduzido especialmente para a presente edição*, o professor Torop nos oferece memórias vivas da ETM e, particularmente, da força empreendedora do mestre Lótman. Num outro estudo muito apropriadamente denominado “O Fenômeno Lótman”, Torop assim se manifestara:

Meu pai sonhava que eu fosse engenheiro de rádio ou, no mínimo, arquiteto. Sendo um técnico, tinha uma atitude fria em relação à filologia, ainda que tivesse se conformado com a opção feita por seu filho. Eu ainda era estudante quando meu pai já estava a caminho da morte e, por coincidência, foi vizinho de Lótman num hospital. Esse foi seu primeiro e último encontro com o homem de quem sabia que era professor de seu filho. Quando, depois desse encontro, fui ver meu pai, seu rosto estava brilhando de entusiasmo e em suas palavras se fazia sentir a

* Ver ensaio “A Escola de Tártu como Escola”, Peeter Torop, adiante p. 69.

firme convicção de que seu filho havia feito a opção correta. Com essa convicção meu pai se manteve até o final de seus dias. Anos depois, meus estudos me levaram à cátedra dirigida por Lóttman, onde tive a oportunidade de conhecer mais profundamente sua brilhante personalidade, sua capacidade de travar relacionamentos e sua força de persuasão; ao mesmo tempo, pude convencer-me de sua honestidade e generosidade. Pode convencer-me também do mais importante: da integridade de seu caráter que conjugava o cientista e a personalidade. Tendo sido discípulo de B. Tomachévski, B. Eikhnenbaum, V. Jirmínski, G. Gukóvski e N. Mordovchenko, pude dizer francamente a J. Poldmae o seguinte: "A ciência constrói a personalidade humana; sem isso não haveria sentido" (Torop, 1983-1984, p. 90).

Antes, porém, de abrir espaço para o texto de Peeter Torop, "A Escola de Tártu como Escola", é preciso entender como a ETM transformou todas as informações sobre legados culturais em problemas e estratégias para o estudo semiótico.

O Exercício Semiótico da Escola de Tártu-Moscou

Os estudos que deram origem à ETM surgiram de uma experiência curiosamente semiótica: os seminários de verão. Nesses encontros anuais, os semioticistas apresentavam suas formulações e discutiam suas idéias. Como em todo seminário, a tônica do debate foi o exercício oral, na melhor tradição do diálogo socrático e da prática reflexiva de Santo Agostinho. Quer dizer, pensamentos apresentados em diálogo e, portanto, com feições inacabadas, destituídos de pretensões conclusivas ou de estabelecimento de verdades. Contudo, nesse intercurso oral forjou-se um *diálogo científico* de alta densidade a ponto de exigir de nós um exercício constante de metalinguagem. Os seminários de verão assim concebidos criaram verdadeiros textos com duplicidade de codificação. Somente depois de apresentados e discutidos oralmente, muitos dos estudos foram publicados em coletâneas. Dentre elas a que se tornou paradigmática: *Σημειωτική. Τрудι πο zmkovym sistemam (Semeiotike. Trabalhos sobre os Sistemas de Signos)* (TSS).

Tal prática que cumpre a trajetória do oral ao escrito pode ser considerada uma trajetória eloqüente do exercício sistêmico: discussões em voz alta, elaboração de uma linguagem técnica específica, reflexão metalingüística, realização de seminários e cursos para formulação, discussão e disseminação dos novos conceitos científicos. Graças a essa intensa prática discursiva de gêneros, os encontros dos seminários de verão assumiram o caráter de "escola". Com isso, é possível dizer que a ETM surgiu sob a forma de um conhecimento aplicado para o estudo da linguagem e dos sistemas de signos. Por semiótica aplicada estou entendendo a prática semiótica que, em vez de simplesmente transportar teorias para a análise do objeto que, dessa forma, tem de conformar-se a elas, deriva teorias pelo exame das propriedades a partir do próprio objeto. A semiótica aplicada é, sobretudo, um exercício de questionamento.

O questionamento fundamental é o caráter singular da linguagem na cultura, em favor de uma compreensão de seus extratos não lingüísticos propriamente ditos, mas semióticos. Quer dizer, não se trata de considerar linguagem do ponto de vista lingüístico e, conseqüentemente, da codificação gráfico-sonora do alfabeto verbal. Trata-se de sistematizar a presença de outros códigos culturais (visuais, sonoros, gestuais, cinésicos) criadores de sistemas semióticos específicos. Por isso, compreender as linguagens da cultura será considerado exercício preliminar a partir do qual será possível desencadear o exame dos produtos, manifestações, processos culturais como sistemas de signos. Uma vez que não se pode falar de cultura senão sob a mira de um campo de manifestações interligadas, cada esfera de linguagem deveria ser compreendida como um sistema de signos específicos. O desafio era saber, então, qual seria a dinâmica que garantia a conexão entre os sistemas. Para isso é que se tornou como estratégia a investigação sobre a linguagem tendo em vista a atividade conjugada de códigos e sistemas cuja constituição não se dá à revelia da linguagem natural.

Apesar de os semioticistas terem à disposição instrumentos teóricos das mais variadas ciências, particularmente da lingüística e da antropologia, esses mostravam-se insatisfatórios para a compreensão das

propriedades semióticas de sistemas específicos – por exemplo, mito, religião, artes. Nesse sentido, nos encontros da ETM era necessário não apenas explicitar os sistemas da cultura como também formular campos conceituais precisos. Isso me permite dizer que, nessa escola, ensino e aprendizagem tornaram-se, de fato, práticas interdependentes em prol de uma atividade que, até então, ainda carecia de sistematização. Estou me referindo ao processo de *alfabetização semiótica* para a leitura dos sistemas de signos da cultura ou simplesmente *alfabetização semiótica sistêmica*.

A prática e aprimoramento dos instrumentos teóricos contribuíram para a constituição do arcabouço da disciplina chamada *semiótica da cultura*. Nela, pela primeira vez, os sistemas de signos, dos mais elementares aos mais complexos, ocuparam o centro de um projeto de estudo da cultura. Antes que aqui se instale um mal-entendido, vale a pena um esclarecimento. A distinção entre sistema de signos elementares e complexos diz respeito à caracterização dos códigos culturais que interagem na constituição de um sistema e em sua relação com os demais. Não se trata de uma linhagem histórica, mas de aprimoramento do aparato intelectual da cultura. Um jogo de cartas não envolve os mesmos códigos que um ritual, uma obra literária, um filme ou uma performance. A complexidade ou elementaridade é determinada em função das variáveis e invariantes do sistema, bem como da interação dos mais diferentes sistemas. Lidar com tais graduações também faz parte do processo de alfabetização semiótica com vistas ao conhecimento, interação e intervenção nas linguagens da cultura. Tal é a orientação fundamental do exercício semiótico fundador não só da ETM como também da abordagem semiótica da cultura.

O Núcleo Conceitual Duro da Semiótica da Cultura

Tendo em vista que toda escola se forma a partir de um projeto que gravita em torno de um *núcleo conceitual duro*, que se traduz em linhas estrategicamente concebidas para que a meta de ensino-apren-

dizagem seja conquistada – aqui entendida como alfabetização semiótica sistêmica – qual seria o núcleo conceitual duro da ETM?

Se entendemos que os seminários da escola de verão se concentravam na busca do conhecimento das linguagens da cultura, não será difícil descobrir que o núcleo duro das pesquisas da ETM não foi a cultura propriamente dita, mas, sim, seus sistemas de signos que, conjugados numa determinada hierarquia, constroem um texto – *o texto da cultura*. Embora a tônica da pesquisa estivesse voltada para o contexto que lhe era contemporâneo – particularmente da cultura do construtivismo, cultura da experimentação e da valorização dos materiais – nesse texto estão implicados os sistemas de toda uma tradição, como já foi referido anteriormente. No caso específico da pesquisa que serviu de base para a teorização, o núcleo conceitual duro da ETM são os textos culturais que se formaram ao longo de uma tradição que remonta ao período de encontro entre culturas: a eslava e a bizantina. Não é à toa que as teses, referidas anteriormente, tenham surgido como aplicação aos textos eslavos*. As coordenadas que presidiram a formação dessa cultura é responsável por um outro legado: a consagração da semiótica antes mesmo que se tivessem adquirido os instrumentos da teoria geral dos signos e da significação. Existem, pois, dois conjuntos de problemas: um diz respeito ao campo conceitual; outro, à formulação de instrumentos teóricos para sua compreensão e, conseqüentemente, seu ensino.

Não é sem uma dose de cautela que afirmo que a semiótica russa existiu muito antes de a semiótica consagrar-se como ciência para o estudo dos signos. Na base dessa constatação estão as práticas da tradição eslava que, segundo o crítico italiano Carlo Prevignano (1979, pp. 13-99), se constituíram como manifestações interdisciplinares tanto das chamadas interciências – tradições científicas voltadas para as diferentes esferas do conhecimento, como aquela que tem em Lomonósov um exemplo – como das artes dos povos eslavos que remontam a setores antigos, como aqueles vinculados à civilização bizantina processados em períodos ulteriores. A percepção dessas camadas e cruzamen-

* Ver *Teses para uma Análise Semiótica da Cultura*.

tos no interior dos sistemas é o que leva a afirmar a existência de uma prática semiótica anterior a formulações teóricas.

Minha afirmação, contudo, não deve ser entendida como um posulado teórico. Na verdade, parto do princípio de que a cultura dispõe de mecanismos semióticos que lhe são inerentes. Um deles é o processo de toda e qualquer informação em texto graças ao dispositivo da memória. Antes de entrar no mérito da discussão da cultura como texto é preciso estabelecer as bases da cultura como informação, onde o elemento-chave é a memória – a memória não-hereditária que garante o mecanismo de transmissão e conservação. A cultura, todavia, compreende não só uma determinada combinação de signos como também o conjunto das mensagens que são realizadas historicamente numa língua (ou texto). Traduzir um certo setor da realidade em uma das línguas da cultura, transformá-la numa informação codificada, isto é, num texto, é o que introduz a informação na memória coletiva. Nesse sentido, a afirmação segundo a qual vida nada mais é do que uma luta pela informação deve ser ampliada e complementada: a história intelectual da humanidade pode ser considerada uma luta pela memória. A presença da memória implica a presença da coletividade nacional na forma de um organismo unitário (Lotman, 1973, pp. 29-32) como também de todo o programa regulador de comportamentos com vistas a ações futuras. A própria história do gênero humano é pensada a partir de uma perspectiva construída pela dinâmica sistêmica da memória. Isso porque,

[...] no momento a partir do qual é lícito falar de cultura, o gênero humano começou a ligar a sua própria existência à existência dum memória não-hereditária que se alargava constantemente: desse modo converteu-se no destinatário da informação. [...] E isso exigia a contínua atualização do sistema codificante, que tem sempre de estar presente, quer na consciência do destinatário quer na do remetente, como um sistema desautomatizado. [...] A exigência dum constante auto-renovação, de conversão em outro, conservando-se, embora, ele próprio, constitui um dos mecanismos fundamentais de funcionamento da cultura (Lotman & Uspenski, 1981, p. 57).

A cultura pressupõe sistemas de signos cuja organização reproduz comportamentos distintos daqueles considerados naturais que são,

assim, culturalizados por algum tipo de codificação. Os códigos como sistemas modelizantes e modeladores têm a função de culturalizar o mundo, isto é, de conferir-lhe uma estrutura da cultura. O resultado final é a transformação de um não-texto em texto. Esse é o mecanismo elementar da cultura, objeto primordial da investigação semiótica que formula um conceito de cultura que não se limita à sociedade.

O “trabalho” fundamental da cultura [...] consiste em organizar estruturalmente o mundo que rodeia o homem. A cultura é um gerador de estruturalidade: cria à volta do homem uma sociedade que, da mesma maneira que a biosfera, torna possível a vida, não orgânica, é óbvio, mas de relação (Lotman & Uspenski, 1981, p. 39).

A estruturalidade define o traço da cultura enquanto texto não pelo fato de este ser dotado de uma estrutura codificada, mas porque no centro do sistema se aloca “um manancial tão vigoroso de estruturalidade” que é a linguagem. Estruturalidade é a qualidade textual da cultura sem a qual as mensagens não podem ser reconhecidas, armanizadas e divulgadas. Assim, os sistemas culturais são textos não porque se reduzem à língua mas porque sua estruturalidade procede da modelização a partir da língua natural. No limite desse raciocínio situa-se a síntese sistêmica: o conceito de cultura como texto, na verdade, deve ser entendido como *texto no texto*. Todo texto da cultura é codificado, no mínimo, por dois sistemas diferentes. Por conseguinte, todo texto da cultura é um sistema modelizante.

O texto no texto define a condição semiótica da cultura que opera distintas vinculações entre texto e contexto cultural. Não se trata de uma acumulação desordenada de textos, mas de um funcionamento complexo, onde os códigos culturais se encontram hierarquicamente organizados fornecendo condições para a tipologia da cultura. É o texto que reúne as características do tipo de cultura.

Cada tipo de cultura representa uma hierarquia de códigos extremamente complexa. [...] toda a hierarquia de códigos que compõe esse ou aquele tipo de cultura pode ser decifrada por meio de uma estrutura de código idêntica, ou por

meio de uma estrutura de código de outro tipo [...] Assim um leitor contemporâneo de um texto sagrado medieval, naturalmente, decifra sua semântica utilizando outros códigos estruturais que não os do criador do texto [...] no sistema de seu criador esse pertencencia aos textos sagrados, enquanto, no sistema do leitor, pertence aos textos literários (Lotman, 1979, p. 35).

Os aspectos do conceito de cultura como texto, apontados até aqui, permitem sistematizar alguns pontos-chave da semiótica sistêmica. Por um lado, o processo de passagem da informação em texto; por outro, a dinâmica do texto com o contexto. O encaminhamento dessa formulação não pode, contudo, ser considerado apenas no campo do debate teórico. Não posso perder de vista que, nesse estudo, a abordagem semiótica da cultura proposta pela ETM se desenvolve no contexto de uma cultura semiótica. Se antes foi importante falar do encontro dialógico de culturas remotas, vale agora abordar um outro aspecto: a diversidade do ponto de vista de um conjunto de práticas dentro de um movimento específico da cultura. No caso russo, não se pode ocultar a importância das experiências realizadas pelas idéias construtivistas que dominaram as artes, a ciência, a política. Visto por esse prisma, é possível alcançar uma outra configuração da abordagem sistêmica e do texto no texto.

Sem correr o risco de simplificação, é possível dizer que os princípios da semiótica sistêmica chegam ao século XX e se fortalecem com as experiências e as idéias do construtivismo nas artes, na ciência e na política, que passam a ser assim consideradas como diferentes sistemas semióticos articulados em prol da construção do texto construtivista. Com isso se reconhece que a fermentação das práticas semióticas na Rússia, no início do século, deve muito à efervescência sociopolítica do período pré e pós-revolucionário, ainda que não se possa restringir o vasto laboratório de experimentação estético-científica a uma determinação canhestra dos episódios políticos imediatos. Segundo a focalização sistêmica, por essa época, todos os segmentos da sociedade estavam comprometidos com a construção da nova sociedade urbana e industrial. Artistas, intelectuais, políticos, cientistas de vários campos do conhecimento não mediram esforços para criar e divulgar

as novas descobertas que entrariam para a História como a vanguarda de seu tempo. As palavras de ordem que os guiavam eram: *construção e interação*. Com elas se pretendia subir os degraus rumo à modernidade. Via de regra, o lema da *construção* encontrava-se associado às idéias que coordenavam o cenário sociopolítico; nada indica, porém, que a bandeira da *interação* fosse decorrência dos mesmos princípios. Essa é uma visão polêmica. Embora não tenha a mínima pretensão de esgotá-la, considero importante discuti-la sempre com o objetivo de alcançar pontos da configuração multifacética, desse texto tão rico que sabemos ser complexo e difuso em muitos aspectos. O objetivo maior é apontar na intervenção artística sua configuração política. É para o conjunto do texto cultural, ou, melhor, de texto no texto, que se encaminha essa focalização que não separa ideologia de semiose.

O espírito da modernidade se definiu historicamente como um movimento capaz, dentre outras coisas, de integrar diferenças. Na Rússia do início do século os ventos da modernidade não sopraram de outro modo. A vanguarda artística, por exemplo, se consolidou em nome de diferentes tradições culturais: por um lado, princípios teóricos e tecnologias que marcaram as experiências estéticas ocidentais como cubismo e futurismo; por outro, as heranças culturais da arte folclórica, dos ícones medievais, das tradições populares e de conquistas remotas. O conjunto da cultura exibe, desse modo, uma estreita coligação entre arte, ciência e atividade política no sentido estrito do termo. Com isso, a produção artístico-cultural dos anos 20 aproxima-se não só dos princípios filosófico-científicos que implodiram o velho cosmos newtoniano, como também dos procedimentos que os antigos empregavam para representar as relações de tempo e espaço. Trata-se de uma contribuição particularmente significativa para a percepção do mundo como linguagem e da cultura como texto. Esse é um viés da História que somente agora começamos a descorrtinar, uma vez que esse estágio da cultura operou relações inusitadas, admitindo a relatividade como um princípio fundamental da organização das atividades humanas em sistemas culturais. Arte, ciência e política são os principais eixos dessa perspectiva sistêmica, citada aqui apenas como

exemplo da pragmática do conceito de texto no texto e das implicações que a cultura semiótica russa permite compreender, evidentemente, desde que haja instrumentos de análise favoráveis.

Esses são os fios desse tecido textual que merecem uma avaliação mais profunda. A própria noção de linguagem demorou muito para ser amadurecida e permitir aquilo que ora estamos sugerindo. O que se tem como certo é que a noção de estrutura e de linguagem como processo de organização de sistemas foi o saldo tão positivo quanto polêmico nas experiências culturais que os russos empreenderam no início do século XX para construir a ciência da linguagem ou a ciência do discurso sobre as quais se ergueram as investigações da ETM. Se, por um lado, viabilizou um campo de investigação semiótica independentemente da aquisição de instrumentos teóricos preexistentes, por outro despertou toda a sorte de equívocos. A estrutura da linguagem, tal como fora concebida, contava com um conjunto interativo entre elementos já determinados. Em nada se assemelha ao princípio dinâmico da estruturalidade que opera com as variáveis do sistema. O que suscitou todo o tipo de retalhamento permitiu também a abertura para uma outra concepção.

A ciência da linguagem, tal como fora concebida no campo da literatura a partir das conquistas linguísticas, não resistiu aos ataques da ideologia que tomou conta da Rússia no final dos anos 20 e acabou sucumbindo. A cena dos debates, em vez de colocar, em primeiro plano, fontes teóricas e criativas de todo esse diálogo, que sabemos não serem poucas, foi ocupada por abordagens que nem de longe vislumbravam a menor possibilidade de vinculação entre ideologia e semiose. Com isso, a experiência semiótica fundada no diálogo entre diferentes campos da cultura (arte, ciência, técnica) foi rigorosamente desqualificada. Não obstante, tudo o que dizia respeito à experimentação, ou ao que se convencionou chamar de cultura dos materiais, foi confinado ao campo de um insípido formalismo. A polarização entre formalismo e abordagem sociológica foi a cisão inevitável que contribuiu para o desvio da rota inicial. Como resultado, um paradoxo: na vida comum, o cidadão era chamado a construir o mundo socialista; con-

tudo, o artista que se voltasse para a materialidade da linguagem e dos signos em nada colaborava para o utilitarismo que se reivindicava para a vida. O motivo era evidente: a investigação formalista nunca aceitou a unificação dos postulados empregados na análise das manifestações da produção material e na análise da produção simbólica. Para eles, tratava-se de campos com necessidades radicalmente distintas. Por isso, a idéia de cultura como matéria, legado direto do princípio das relações fundado na teoria da relatividade, souou como heresia aos homens da cultura no poder, como já me referi em outro estudo (Machado, 1989, pp. 17-42).

Esse quadro apresenta um jogo de perdas e ganhos. Contudo, fala-se muito mais das perdas. Há outros vértices a considerar nesse texto cultural tão impregnado de idéias construtivistas. Por isso acredito que nem o descrédito nem o ostracismo foram suficientes para que o golpe sobre o conjunto dessas atividades fosse mortal. As idéias científicas do construtivismo não abortaram, ficaram apenas aguardando momento favorável para serem novamente ativadas. Sinais evidentes nesse sentido começam a surgir no final dos anos 50, na Estônia. Coube aos semioticistas da Universidade de Tártu desviar as investigações do campo polêmico para resgatar "elos perdidos", como entendeu Bóris Schnaiderman (1979), e retomar a rota desviada pelo fluxo da História. Os seminários de verão, os cursos, as publicações e as discussões que se iniciaram em Tártu mostraram, desde o início, uma retomada do espírito semiótico comprometido com as disciplinas teóricas que se ocupavam do fenômeno da comunicação na cultura. Olhando por esse viés, aprenderemos uma outra esfera das intervenções semióticas na Rússia. Nela é possível admitir uma relação saudável entre semiótica e política, embora estejamos longe de falar de uma semiótica política.

Trata-se de uma retomada das tradições científicas na melhor linguagem da eslavística: retomada de uma pesquisa que envolve vários campos da ciência, com a participação de pesquisadores atuantes em diversas linhas de investigação, em prol do conhecimento das linguagens. Por isso, o aspecto fundamental que consagrou as pesquisas do

grupo como escola foi a abordagem dos sistemas de signos da cultura à luz de uma focalização sistêmica, capaz de considerar os diversos ramos de sua constituição.

Chegamos assim ao outro lado da questão colocada anteriormente – sobre o núcleo conceitual duro do processo de alfabetização semiótica proposto pela ETM. Se o núcleo conceitual da ETM gravita em torno da noção de cultura como texto, tal como foi possível acompanhar o caso russo, quais as estratégias ou quais os instrumentos teóricos que os semióticos desenvolveram para alcançar a meta da alfabetização indispensável para a compreensão desse postulado?

Para a análise correlativa dos sistemas semióticos no interior da cultura a ETM recorreu à noção de sistema modelizante e à teoria da modelização. Isso faz parte de um outro percurso de raciocínio inter-relacionado com o que já apresentamos até agora.

Início de uma Outra História

Ao examinar a gênese da escola semiótica que, a partir dos anos 60, se desenvolveu no eixo Tártu-Moscou, Bóris Uspienski (Uspenski, 1996) demonstra como o pensamento semiótico dos teóricos russos cumpriu um deslocamento geográfico “binário”, consagrando a atuação integrada das tradições científicas. Moscou sempre foi considerada o berço das pesquisas linguísticas. Desde o século XVIII, especializadas se dedicavam ao estudo das línguas, das literaturas e das civilizações eslavas, caso de Filip F. Fortunatov (1848-1914). Já por essa época, a orientação elementar das pesquisas se definia pelo confronto e pelas relações. O grupo de Fortunatov, por exemplo, ao fazer do exame das leis gerais da língua uma prioridade, voltou-se não só para a literatura escrita, como também para as manifestações orais das obras folclóricas. Sem ignorar as particularidades de cada campo, os eslavistas viam nos vários dialetos uma contribuição inegável ao alvo que perseguiram. O folclore passou a ser considerado fonte inestimável para o estudo das línguas vernáculas visto que, em suas manifestações, reinava a di-

versidade da fala cotidiana e os dialetos em sua dinâmica cultural. Aí se constituiu o Circulo Lingüístico de Moscou que, mais tarde, formou uma composição com o grupo da OPOIAZ de Petrogrado (Petersburgo), onde os chamados formalistas se empenhavam em estabelecer a ciência da literatura com base na investigação da estrutura da linguagem poética, precedidos pelos estudos pioneiros de Aleksandr Potiebnia (1835-1891). Tais centros são considerados o berço da semiótica russa no século XX: não uma sede, mas um *lugar* no sentido amplo do termo.

A presença de dois “centros culturais”, um em Moscou, outro em Petrogrado, embora sustentasse o predomínio de uma bipolaridade cultural, ainda segundo Uspienski, não pode ser entendida como determinante. Se é verdade que a semiótica da cultura se desenvolveu *pari passu* com a semiótica da arte, é preciso inserir nesse mapeamento Kiev e Novgórod – pólos de grandes manifestações artísticas. Moscou sempre esteve ligada à cultura de Kiev que, por sua vez, era a grande adversária de Novgórod, centro por excelência da arte dos ícones medievais. Tais contrastes não podem ser desconsiderados quando se fala em tradições culturais na Rússia. Disso os estudiosos de Tártu nunca se esqueceram. Por isso, ao denominarem o conjunto das investigações Escola de Tártu-Moscou, sabiam que tal nome não seria capaz de abarcar todos os centros de pesquisa comprometidos com a investigação semiótica.

Por isso a ETM não pode ser pensada nunca em relação a uma sede específica. Seu lugar não ocupa o espaço geográfico circunscrito, mas, sim, o espaço das idéias em trânsito. Peeter Torop não hesitou em denominar a ETM de um modo radical: definiu-a como “escola invisível”. E hoje, essa denominação firma-se cada vez mais, quando Tártu já não é mais espaço para os debates criadores de linguagens e conceitos, mas de publicações – os volumes da *Semeiôtiká*, os TSS – que congregaram, e continuam acolhendo, trabalhos variados conferindo unidade científica à pesquisa nela desenvolvida (Torop, 1983-1984, p. 91).

Os sistemas de signos, alvo do interesse inicial do grupo, eram literatura, religião, mito e folclore, cinema, teatro, ritos, entendidos como sistemas culturais que exprimem o estatuto de texto. Para de-

sempenhar tal investigação, a escola contou com pesquisadores de diversas áreas: linguistas (Vatcheslav Ivánov, Isaak Revzin, Vladimír Topórov); folcloristas (Eleazar Mielietínski, Dmitri Segal); orientalistas (Aleksandr Piatigórski, Bóris Ogibenin); teóricos da literatura (Iúri Levin, Iúri Lótman, Bóris Uspiénski). Com isso, como lembra Uspiénski, a ETM foi um ponto de convergência de diferentes campos de interesse, uma autêntica manifestação de intercência nos moldes mais típicos da tradição eslava. É essa variedade que se entendia como pesquisa semiótica.

Antes, contudo, de firmar uma linha de investigação temática, houve muitas pesquisas práticas. Grande parte delas motivadas pela informática, que sugeria um modo de conduzir a pesquisa sobre a linguagem à luz da cibernética, das teorias da informação e da comunicação.

Os primeiros trabalhos autodenominados pesquisa semiótica tratavam das máquinas de tradução e da linguística matemática. Entre 1955 e 1956, V. V. Ivánov, I. I. Revzin e B. A. Uspiénski fundaram, em Moscou, uma associação para o desenvolvimento das máquinas de tradução, guiada pela necessidade de discussão teórica sobre o conjunto da atividade comunicativa. Muitos eventos foram organizados para dar conta das novas preocupações. Estudos sobre a semiótica da língua; semiótica lógica; tradução automática; semiótica da arte; mitologia; descrição da linguagem como sistema não-verbal de comunicação; semiótica do rito e outros (Uspenski, 1996, p. 8) formavam uma grande área de interesse.

Contrariamente ao que se poderia supor, *semiótica* não era considerada uma prática de investigação científica e muito menos ciência. Só em agosto de 1960 deixou de ser disciplina autônoma para se integrar à pesquisa em ciências humanas junto ao Departamento de Tipologia Estrutural das Línguas Eslavas, no Instituto de Eslavística da Academia de Ciências. Em 1962 aconteceu o simpósio sobre o estudo estrutural dos sistemas de signos, organizado conjuntamente pelo Instituto de Eslavística da Academia de Ciências de Moscou e pelo Conselho para a Cibernética.

A pesquisa semiótica assim concebida surge não apenas da necessidade de entender os sistemas da cultura como linguagem, como também das descobertas alcançadas graças à parceria entre linguística e cibernética. Se se deve à linguística a descoberta da prevalência do código, do qual nada escapa, como afirmava Jakobson, deve-se à cibernética a descoberta dos mecanismos de controle para a eficácia das mensagens. Segundo essa perspectiva, a semiótica pode ser definida como ciência dos sistemas de signos transmissores de informações. Tal concepção, vinculada à teoria matemática da informação e da comunicação, abre as portas da pesquisa semiótica para o “trabalho num mundo contingente”, como advertira Norbert Wiener (1993, pp. 9-14), tomando a comunicação como coordenada fundamental para o ordenamento da cultura. Não bastava admitir a cultura como conjugação de sistemas de signos; era preciso compreender a dinâmica que regulava seu funcionamento dentro de uma certa ordem. Para isso seria fundamental pensar os sistemas como linguagem – um sistema codificado por algum tipo de signo.

O modelo cibernético tornou-se instrumento para a compreensão do homem como sistema semiótico; da arte como linguagem; da cultura como mecanismo de memória ou de controle. Com isso, o campo de atuação da semiótica se ampliou, abrangendo os sistemas que, embora não fossem linguísticos, não eram substituídos de linguagem uma vez que eram dotados de mecanismo de tradução, ou de recodificação. Para firmar suas características distintivas, tais sistemas foram denominados *sistemas modelizantes de segundo grau*. Nelas se encontraram os elementos para sistematizar o estudo semiótico da cultura segundo seu núcleo conceitual duro: a noção de que os sistemas semióticos constituem o texto da cultura. Por isso o estudo sobre os sistemas modelizantes tornou-se o eixo central da disciplina *semiótica da cultura*.

Percebe-se que, para chegar a esse conceito, houve um longo processo de amadurecimento não só das atividades como também das pesquisas práticas. Nesse sentido, o conceito de sistema modelizante é síntese também do processo de ensino-aprendizagem dessa escola de

semiótica e cultura. Antes de apresentar aspectos fundamentais de sua constituição vale esquematizar um pouco esse trajeto.

É possível distinguir quatro períodos na história do grupo:

- 1º 1958-1964: introdução de modelos matemáticos, cibernéticos e lingüísticos nos estudos sobre a cultura, sobretudo no nível programático.
- 2º 1964-1970: intensivo desenvolvimento de modelos semióticos para sistemas culturais particulares.
- 3º 1970-1973: formulação de modelos globais de cultura e de universais culturais.
- 4º 1973-1974: refinamento de detalhes sobre teorias culturais e aplicações à história e tipologia da literatura e cultura russas.

Também o conjunto teórico abrange quatro conjuntos de problemas:

- 1º Conceitos de modelo, sistemas dinâmicos, invariantes-variantes; hierarquia; oposições binárias e equivalências; signo; expressão e conteúdo; função; código e mensagem; informação e comunicação.
- 2º Desenvolvimento de uma metalinguagem semiótica unificada a partir da qual fosse possível formular teorias, modelos e tipologias para a cultura e para os textos culturais em geral, isto é, uma semiótica da cultura.
- 3º Usando o mesmo vocabulário teórico, modelos e teorias, procurou-se estender a análise semiótica para esferas culturais específicas como cinema, mito, literatura.
- 4º Modelos descritivos baseados nos dois estágios anteriores foram estabelecidos para fenômenos e formações históricas individuais.

Evidentemente, esse esquema é um mero recurso didático de nossa compreensão da escola. Não se deve acreditar, em momento algum, que ele foi uma estratégia estabelecida *a priori*. Nele, contudo, é possível localizar os pressupostos do conceito de modelização.

Os Sistemas Modelizantes da Cultura

Isso posto, resta o desafio de compreender aquilo que se tornou o tema central das escolas de verão e a chamada dos seminários nomeados *Escola de Verão sobre os Sistemas Modelizantes de Segundo Grau*. É para a noção de sistema modelizante de segundo grau que se encaminha agora essa reflexão.

Por sistemas modelizantes entendem-se as manifestações, práticas ou processos culturais cuja organização depende da transferência de modelos estruturais, tais como aqueles sob os quais se constrói a linguagem natural. Carente de uma estrutura, o sistema modelizante de segundo grau busca sua estruturalidade na língua, que somente nesse sentido pode ser considerada sistema modelizante de primeiro grau. Assim considerados, todos os sistemas semióticos da cultura são modelizantes uma vez que todos podem correlacionar-se com a língua. Nesse aspecto, a abordagem da ETM apresenta um contraponto ao logocentrismo bakhtiniano centrado na palavra. Para Bakhtin,

A semiótica se ocupa principalmente da transmissão da comunicação preparada previamente mediante um código dado com anterioridade. Entretanto, no discurso vivo, estritamente falando, a comunicação se cria pela primeira vez e não existe na realidade nenhum código (Bakhtin, 1982, p. 369).

É contra essa idéia de comunicação sem código que me parece se colocarem as formulações dos estonianos segundo os quais nenhum sistema semiótico pode prescindir de codificação por meio de um sistema de signos.

O fato de a língua natural ser considerada sistema modelizante de primeiro grau não deve ser entendido como fonte de privilégio ou reducionismo das particularidades específicas de cada sistema. A língua natural funciona aqui como um programa para a análise de arranjos cuja configuração é particular e específica. Se o contexto geral por onde se encaminharam essas formulações é o da semiótica sistêmica, não se pode perder de vista a dinâmica correlacional de interligação. Embora o sistema lingüístico tenha sido considerado de primeiro grau,

ele não deixa de ser modelizante. A preocupação com os sistemas modelizantes da cultura surge em função da necessidade de examinar suas linguagens no sentido de valorizar o potencial comunicativo de suas práticas, manifestações ou fenômenos. Como, porém, estudar a linguagem de sistemas carentes de um tipo de organização? Compreender esse problema foi tarefa da teoria da modelização.

Embora a proposta de semiótica sistêmica seja conduzida pela teoria e análise dos modelos como forma de intervenção a partir de cor-relações, não é bem o modelo o foco do estudo da teoria dos sistemas modelizantes de segundo grau.

Sabemos que conceito de modelização funda-se em, pelo menos, dois pressupostos básicos: um diz respeito à idéia de que a transformação dos sinais em informação é um processo genuinamente semiótico uma vez que resulta na tradução desses sinais em signos; o outro, à noção de que nenhum sistema semiótico é dado ao pesquisador mas, sim, construído (Zalizniák, Ivánov, Topórov, 1979, p. 84). Modelizar, contudo, não é reproduzir modelos e sim estabelecer cor-relações a partir de alguns traços peculiares. Implica antes a adoção de uma espécie de algoritmos cujo resultado mostre que o objeto modelizado jamais resultará numa mera cópia.

*Modelização*¹ é um termo forjado no campo da informática e da cibernética, particularmente porque provém dessa última a noção de sociedade como conjunto de sistemas caracterizados pela interdependência e auto-organização, isto é, por modos particulares de comportamento. Na modelização os modelos são sempre generalidades, daí sua capacidade de construir linguagem. Como diria Jakobson, não é a estrutura pronta o alvo do interesse, mas a *estruturalidade* do sistema onde a(s) estrutura(s) opera(m). Para os semioticistas, modelizar é construir sistemas de signos a partir do modelo da língua natural. Contudo, cada sistema desenvolve uma forma peculiar de linguagem e, no processo de descodificação do sistema modelizante, não se volta para

o modelo da língua, mas para o sistema que a partir dela foi construído. Assim,

[...] a construção de diferentes sistemas semióticos, um sobre o outro, em que o superior modeliza o inferior, torna-se possível porque a semântica de cada um desses sistemas artificiais (por exemplo, das metalinguagens lógicas) pode ser discutida não só através de sua relação com os sistemas superiores, mas também pelo recurso à língua natural que, em última análise, lhes serve de fonte (Zalizniák, Ivánov, Topórov, 1979, p. 87).

A idéia básica da modelização é, portanto, a possibilidade de considerar tanto as manifestações, os produtos ou atividades culturais quanto organizações segundo qualquer tipo de linguagem e, conseqüentemente, como texto.

O conceito de modelização unificou as pesquisas do grupo conferindo identidade a um projeto semiótico avançado. O grande ganho foi sem dúvida a formulação de um instrumento teórico capaz de dar conta do deslocamento das investigações sobre um sistema de signos — os signos verbais — a outro — o vasto contingente de signos comunicativos não-verbais da cultura. Com isso,

[...] semiótica, cibernética, teoria da modelização etc. são repensadas como um capítulo da história da ciência da informação resultante, em outro sentido, de seus teoremas fundamentais relativos à função semiótica, à função de controle ou programação, à função modelizante etc. dos sistemas e processos informacionais cujo campo, do vivente ao artificial e ao histórico, é justamente aquele da informação (Prevignano, 1979, p. 19).

Além disso, o campo conceitual da modelização apresenta estratégias de análise capazes de levar adiante o processo de alfabetização semiótica no interior da abordagem sistêmica. Como espero ter demonstrado, trata-se de uma abordagem em que todo e qualquer sistema da cultura jamais poderá ser entendido como um sistema isolado e rigorosamente acabado. Por conseguinte, um texto da cultura só pode existir como uma organização solidária de outros textos. A necessidade

1. Modelização é, igualmente, um conceito da semiótica discursiva de origem francesa onde significa a construção de modelos para garantir a possibilidade de falar das coisas.

de conferir um rigor científico maior a tais conceitos levou os semióticos à publicação das teses sobre os sistemas de signos cujas diretrizes elementares estão esboçadas a seguir.

Teses para uma Análise Semiótica da Cultura

Como se afirmou anteriormente, os problemas colocados pela cibernética e pela semiótica têm sua parte de responsabilidade no desenvolvimento da escola como corrente científica nos anos 60, por conseguinte, da instalação dos seminários de verão. O seminário de 1964 tornou-se um marco para a consolidação da investigação: nele são apresentadas as *Teses para uma Análise Semiótica da Cultura. Uma Aplicação aos Textos Eslavos*, assinadas por V. V. Ivánov, I. M. Lótman, A. M. Piatióvski, V. N. Topórov, B. A. Uspiénski. Segue-se, a partir de então, a publicação periódica dos trabalhos na revista *Σημειωτική. Τруды по знаковым системам (Semiótica. Trabalhos sobre os Sistemas de Signos)*. Esses trabalhos foram publicados sistematicamente graças à força centralizadora de Iúri Lótman, autor do primeiro volume da série: um caderno denominado *Lições de Poética Estrutural* (1964), que forneceria as diretrizes para a análise semiótica fundada no princípio da modelização.

Por ocasião da quarta conferência, em 1970, o seminário foi denominado, pela primeira vez, estudos de *semiótica da cultura*, tendo como epíteto a sentença: "Toda atividade humana em desenvolvimento troca e armazena informação por meio de signos e apresenta uma certa unidade". Aquilo que fora considerado uma atitude ousada na época consolidou-se como força, não apenas de uma tese para a compreensão da cultura, como também do direcionamento de uma nova disciplina teórica.

As *Teses para uma Análise Semiótica da Cultura* firmam a Semiótica como uma ciência para o estudo da semiose, vale dizer, do processo de transmissão e transformação de mensagens. A Semiótica da Cultura, por sua vez, examina semioses específicas: processos de cultivos

da mente pelas civilizações. Ou, dito de outro modo: as semioses que transformam a informação em texto e este em estrutura pensante, em memória. Trata-se, portanto, de uma disciplina teórica para o estudo dos mecanismos de funcionamento das transmissões. Mecanismo entendido como operação elementar da abordagem semiótica uma vez que se firma como capacidade transformadora de um sistema. Como se pode ler numa das teses:

O mecanismo da cultura é um dispositivo que transforma a esfera externa em interna, a desorganização em organização, os profanos em iniciados, os pecadores em justos, a entropia em informação (ver p. 101 deste livro).

Por isso, a Semiótica da Cultura funda o moderno conceito de texto como um novo domínio de idéias científicas onde operam as mais radicais formas de semioses.

Não se trata, porém, de uma teoria semiótica de caráter geral. Segundo B. Uspiénski, o fato de os seminários e cursos serem concebidos como programa de uma "escola para o estudo dos sistemas modelizantes de segundo grau" mostra que a semiótica russa se encaminha por uma orientação diferente da semiótica americana, da francesa, da polaca e se define como semiótica da cultura. Do ponto de vista de sua organização, a cultura aparece como conjunto de línguas heterogêneas — língua da arte (pintura, cinema, literatura), da mitologia, da religião e outras — que tomavam a língua natural como um sistema modelizante de primeiro grau, criando uma metodologia particular para focalizar a correlação língua/cultura. Tal foi a estratégia metodológica empenhada na ampliação do conceito de linguagem na cultura. Tomou-se como ponto de partida apenas o sistema cuja organização reproduzia um tipo de estruturalidade. Se existe um privilégio no estudo dos sistemas modelizantes esse será a linguagem sem a qual não se chega ao signo nem aos mecanismos de construção e produção das significações. Se a modelização é o conceito-chave da semiótica da cultura, os sistemas modelizantes devem ser considerados tanto seu objeto de estudo primordial quanto a síntese da própria semiose. Deles tratam as teses de 1964.

Em linhas gerais, as *Teses* apresentam os conceitos básicos da escola que se constituíram como grandes balizas teóricas da disciplina. Sintetiza os seguintes pressupostos:

1. Discussão do campo conceitual da cultura de um ponto de vista semiótico. Por um lado, trata-se de atenuar a oposição entre natureza e cultura; por outro, de enfatizar a dinâmica da passagem da não-cultura a cultura como relação de complementaridade. Para isso, examina-se a relação entre a Rússia e o Ocidente segundo as configurações culturais relacionais. Chega-se, assim, ao conceito de cultura como fenômeno iterativo sem existência isolada e como um campo conceitual unificado fundado no processamento, na troca e na armazenagem de informação.
2. Interdependência como forma de eliminação das dicotomias a partir da valorização do paradigma interno das culturas suscetíveis de correlação.
3. Concepção do texto como unidade básica da cultura, e não do sistema linguístico. Nesse sentido, uma dança, uma cerimônia, uma obra de arte e muitos outros produtos e manifestações culturais são considerados texto. Do conceito semiótico de texto não se elimina a seqüência de signos, pelo contrário, o moderno sistema audiovisual da cultura opera com essa potencialidade dos textos contínuos orientados para o receptor. A cultura como texto implica a existência de uma memória coletiva que não apenas armazena informações como também funciona como um programa gerador de novos textos, garantindo assim a continuidade.
4. Toda cultura pressupõe uma linguagem natural que funciona como modelo universal para os sistemas modelizantes da comunicação mais vasta.
5. Texto é o conceito fundamental da abordagem semiótica porque nele é possível situar: a passagem da informação para texto; uma codificação; sistemas modelizantes de segundo grau. Análise da arqueologia semiótica da eslavística e suas transformações.
6. A estruturalidade dos sistemas garante não apenas a organização interna mas também a desorganização externa (entropia) sem a

qual nenhum dinamismo é possível. Nisso reside a importância da memória para a experiência futura em que o texto funciona como programa e como estímulo à policulturalidade. Isso sem perder de vista a condição da cultura como sistema fundado na linguagem natural.

7. O problema da tradução dentro de uma única tradição favorecerá, assim, à interação dos opostos.
8. O funcionamento da cultura a partir das relações entre estruturas de diferentes sistemas.
9. Tendências à diversidade e uniformidade como dois mecanismos básicos da cultura.

Os pressupostos das teses colocam na pauta do programa semiótico um avanço com relação à prática semiótica da interdisciplinaridade. Não apenas a cultura não pode jamais ser considerada um mecanismo isolado como sua abordagem exige diferentes pontos de focalização. Se, no início desse estudo, o foco era a prática da interciência, agora é preciso desviar o olhar para o enfoque da transdisciplinaridade.

Campo Transdisciplinar da Semiótica da Cultura

A facilidade com que os semioticistas da Escola de Tártu-Moscou trabalharam as manifestações folclóricas e os mitos através do modelo cibernético de sistema denuncia um longo período de maturação prática, teórica e de exercício interdisciplinar antes de chegar à transdisciplinaridade.

Iúri Lótnan, um dos grandes expoentes dessa escola, reconheceu que a ciência literária russa manteve ao longo de seu desenvolvimento um vínculo muito estreito com a investigação dos anos 20, guiando-se pelos resultados da lingüística estrutural, da semiótica, da teoria da informação, da cibernética. Assim, a semiótica teve de esperar o seu momento na evolução do pensamento para poder estabelecer-se com sua força potencial como disciplina autônoma seja no campo da fun-

damentação teórica, seja no campo da análise de qualquer objeto, seja como ciência autônoma e crítica da ciência.

Para Lótnan e Uspienski, "a semiótica, a exemplo da cibernética, da linguística estrutural e da teoria física, é não somente uma ciência do século XX, mas ainda uma parte da cultura de nosso tempo. Ela está ligada organicamente ao espírito do tempo" (Lotman & Ouspenski, 1976).

O vínculo com as ciências é um forte diferencial em relação à semiologia propagada a partir da linguística. Cada um de seus conceitos e formulações resulta de algum cruzamento com alguma área do conhecimento. Por isso Lótnan nunca duvidou de que, "do mesmo modo como as obras de arte nascem em pontos de intersecção de várias tradições, gêneros etc., o pensamento novo só pode surgir no ponto em que transpassa um certo limite essencial" (Tlorop, 1983, p. 91).

Na melhor tradição da cultura eslava, a ETM desenvolve-se tendo por objetivo a correlação, temática e estrutural, entre vários campos da investigação científica. Se o objetivo foi a formulação conceitual para a descrição e comparação dos vários sistemas de signos, era evidente a necessidade de buscar correlações e instrumentos em várias áreas do conhecimento. Uma das características marcantes dessa atividade foi o intercâmbio permanente com as áreas do conhecimento envolvidas, cujo campo esquentávamos a seguir a título de exemplo.

Semiótica da cultura e sua vizinhança científica

TEORIA LITERÁRIA. Ao considerar a literatura como uma variedade de sistema de signos, os estudos literários procuram constituir a ciência literária fixando como objeto de estudo a "literariedade" (Jakobson) e, conseqüentemente, o "procedimento" (Chklóvski).

LINGÜÍSTICA ESTRUTURAL. Do estudo das partes e funções em relação ao todo herdou-se a noção de estrutura como um conjunto de diferenças, por exemplo, significante-significado. Esse foi o ponto de partida para entender a estruturalidade em linguagens que não são dotadas de estruturas tais como as da língua. Considerando

que a estrutura da linguagem está fundada na relação entre paradigma e sintagma, os teóricos trataram de estender tal paradigma aos sistemas de signos da cultura.

SEMÍOTICA. Da teoria geral dos signos herdou-se a compreensão da significação como *semiosis* e propriedade do signo que só pode ser compreendido à luz de outro signo, tornado, assim, núcleo fundamental do estudo em ciências humanas. Considera-se, assim, a passagem de um sistema a outro.

CRÍTICA DA ARTE. Criou a necessidade de operacionalizar a linguagem num outro nível de relações. Ainda que destituída de elementos lingüísticos, a linguagem da arte revelou-se um sistema codificado fundado em convenções. Favoreceu a compreensão do diálogo entre manifestações artísticas e produtos culturais e científicos. A experimentação aproxima arte, ciência, técnica como esferas inter-relacionadas da cultura.

CIBERNÉTICA. O conceito de sistema como um conjunto de invariáveis dentro de variáveis orientou a análise dos comportamentos e dos códigos culturais. Daí também se formou a noção de processo comunicativo dependente de mecanismos básicos, como retroação e controle, no sentido de impedir a entropia (segunda lei da termodinâmica).

TEORIA DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO. Valorização do processo comunicativo como troca interativa de códigos, levando os semioticistas a entenderem a comunicação como problema semiótico. Se, num primeiro momento, tratava-se de medir quantitativamente a informação de uma mensagem para a posterior análise de seu significado, depois a ênfase passou para o processo de recodificação que permeia todo o processo semiótico.

LÓGICA MATEMÁTICA. Compreensão da estrutura da linguagem bem como de sua formalização tendo em vista a própria matemática como um conjunto de signos altamente concentrado no rigor de suas possibilidades e probabilidades.

ETNOLOGIA. Fornece elementos para analisar o funcionamento concreto da linguagem na vida do homem, com privilégio das

culturas etnográficas e a oralidade como complementaridade da cultura letrada.

ANTROPOLOGIA. A contribuição fundamental da antropologia está na valorização da troca como o principal mecanismo interativo entre os agrupamentos humanos. Além disso, está a valorização do homem, de suas manifestações culturais (formas ritualísticas de comportamento social), como conjuntos heterogêneos e inter-relacionados, produtores do *homo semioticus* que cria e organiza os sistemas da cultura. Não é possível deixar de fora a prática da interpretação como agente mobilizador dos encontros culturais.

BIOLOGIA MOLECULAR. Possibilidade de entender a vida como código e consequente aproximação entre a noção de código genético e código verbal graças à similaridade de constituintes, os componentes discretos que servem para a construção das significações.

NEUROBIOLOGIA. A classificação das afásias, a partir do mapeamento das lesões nos hemisférios cerebrais, aproxima a pesquisa médica do campo da comunicação. Possibilidade de compreender a topografia do cérebro e suas regiões.

NEUROLINGÜÍSTICA. Importância da estrutura da linguagem e dos processos de seleção e de combinação para a topografia do cérebro.

ECOLOGIA COGNITIVA. Diz respeito à necessidade de considerar a vida e os organismos vivos como sistemas integrados. Nesse sentido, a cultura revela amplas possibilidades cognitivas se sua constituição sistemática for entendida como forma de conhecimento das interações sígnicas nos vários níveis e esfera de sua manifestação. Para isso contribui a noção de sistema modelizante.

Esse quadro, que está longe de ser completo, tem uma única função: mostrar que a constituição da disciplina semiótica da cultura na Rússia é decorrência do ambiente de fermentação artístico-cultural, subsidiado por uma ampla pesquisa científica no vasto campo da tradição. Se, via de regra, apenas a vanguarda artística é reconhecida como mola propulsora desse movimento, o quadro ora apresentado procura ampliar o espectro do enfoque, valorizando, igualmente, o papel

das vanguardas científicas que não foram menos importantes para a consolidação do pensamento teórico. Somente assim o binômio arte-ciência pode ser realmente percebido como um conjunto de imprecisão mútua. Tal foi não só a diretriz que marcou a atividade dos centros da investigação poética e lingüística como também o terreno favorável para a expansão da semiótica.

Desdobramentos da Escola de Tártu-Moscou

A ETM teve uma vida breve, mas seus desdobramentos continuaram após o encerramento das atividades em 1974.

Quando chega nos anos 80, a pesquisa da Escola de Tártu se vê diante de outros problemas. Por exemplo: a criação cultural, a textual e a de linguagem passam a ser entendidas como processos relacionados e modulados psicofisiologicamente, partindo-se da estrutura dos hemisférios cerebrais. Roman Jakobson, Iúri Lótman, Viatcheslav Ivánov, A. R. Luriá são os desbravadores dessa área. Apesar da urgência dos estudos, orientações elementares foram mantidas e mostram-se como resultados de uma expansão contínua.

Tão importante quanto considerar a disseminação das tradições culturais por diferentes espaços é admitir que seus centros de investigação não constituem pesquisas de grupo solidamente construídas como um edifício. Desde os movimentos dos anos 20, os estudos e as experiências dentre os russos destacam-se pela mobilidade. Tal dinamismo trouxe vantagens e desvantagens tanto para a arte de vanguarda como para os estudos teóricos literários, lingüísticos e semióticos. A vantagem foi a facilidade de deslocamento de um espaço para outro: o Círculo Lingüístico de Moscou praticamente se transferiu para Praga quando Jakobson deixou a Rússia nos anos 20; as teorias formalistas ou mesmo de Mikhail Bakhtin foram divulgadas, para não dizer publicadas, em línguas ocidentais antes mesmo de terem o merecido reconhecimento entre os russos; os trabalhos dos semioticistas se expandiram em outras "escolas". Contudo, a "ocidentalização" é um

risco a ser considerado, sobretudo quando cria rótulos reducionistas que paralisam a dinâmica da teoria. Jakobson e o Formalismo Russo estão condenados a ser tão-somente estruturalistas, no sentido mais limitado do termo; Mikhail Bakhtin ora é um marxista, ora um sim-ples cristão, ora um pós-estruturalista; os semioticistas estonianos ora são continuadores de Saussure ora cibernetas precoces. Nesse sentido, os conceitos principais muitas vezes são flagrados pelas lentes de teorias que se consagraram muito posteriormente. Quem reconhece em Bakhtin-Volochinov os formuladores de uma pesquisa sobre a enunciação com o peso de uma teoria anterior, por exemplo, a Benveniste? Como atribuir a Jakobson o vislumbre das noções sobre o dialogismo no conceito de recodificação ou transcodificação como resposta ativa na interação comunicacional? Como reconhecer em Lótmán e Uspiénski os teóricos da noção de cultura como texto de dimensão planetária? Quem reconhece nas pesquisas de Lótmán os caminhos precursores da semiótica do chamado ciberespaço na cultura de mídias digitais? No entanto, para se ter uma dimensão minimamente coerente dos rumos da semiótica russa bem como de seus desdobramentos nesse final de século, é fundamental desfazer alguns rótulos e reconsiderar posições equivocadas. Para isso contribui o reconhecimento e legitimidade do alcance teórico que se desenvolveu na ETM.

A ETM, na visão de Peeter Torop, “existe como uma íntima unidade científica, como uma coexistência unida de múltiplas tendências divergentes”, embora não seja o abrigo de uma ciência de grupo, articula uma unidade conceitual. Mesmo na época dos seminários de verão, a maioria dos pesquisadores, por exemplo, residiam fora da Estônia, e muitos dentre eles nunca se encontraram. Contudo, mesmo se ocupando “dos problemas semióticos em aspectos bem diferenciados e na base dos mais diversos materiais”, a conceptualização teórica não foi abalada. Hoje é possível dizer que a escola “existe como uma força centrípeta que não permite que essas obras dispersem” (Torop, 1983, p. 91). A condição de “escola invisível”, como a definiu Torop, é um jano de dupla face: ao mesmo tempo em que mostra a

potencialidade de levar adiante o diálogo entre diferenças, tem o poder de não projetar devidamente a riqueza do campo conceitual. Não cabe aqui a busca das razões para tal ocultamento mas, sim, defender a presença viva dessa tradição bem como os termos de sua tradução na cultura científica contemporânea.

Os seminários da escola de verão deixaram de ser realizados nos anos 80. Tártu tornou-se um centro de publicação, embora continue sendo uma ponte importante entre o Ocidente e o Oriente. Atualmente, além do interesse pelo processo semiótico, grandes esforços são dirigidos para investigar a tradição da ETM. Como afirma Peeter Torop,

A semiótica da cultura, que atingiu o auge internacional em 1973, tem sido uma constante em Tártu. Por um lado, tem funcionado como um mediador interdisciplinar para as tendências dos centros culturais de pesquisa, por outro, novas disciplinas semióticas estão surgindo nas fronteiras da semiótica da cultura, abrindo o caminho da semiótica como disciplina própria. No momento, as possibilidades de inovações são essenciais para os semioticistas de Tártu (Torop, 1998, p. 12).

Nesse sentido, há muitos campos de investigação que se denominam estudos de semiótica aplicada que desenvolvem abordagens muito próximas dos pressupostos da ETM. Contudo, nem sempre a voz que vem da Rússia pode ser modelizada em algum conjunto mais organizado. Vejamos.

Campos da semiótica aplicada

SOCIOSEMIÓTICA. Campo da teoria da linguagem que examina a linguagem verbal como um fenômeno social no sentido de explorar forças e processos políticos em sua ação enquanto texto ou discurso. Trata-se de uma conjugação da sociologia com a linguística com o objetivo de buscar as relações entre linguagem e ideologia, ou sociedade e significação com ênfase nos processos de produção de sentido, em função dos usos sociais dos sistemas semióticos. Há que ressaltar ainda a sutil distinção da noção que atribui

poder ao sentido, em vez de sentido ao poder. Os estudos de filosofia da linguagem elaborados nos anos 20 pelo círculo de Bakhtin são os precursores dessa linha. O pensamento ocidental consagrou a análise do discurso e da enunciação como sociosemiótica e tem em M. K. Halliday e Julien Greimas seus expoentes.

SEMIÓTICA DISCURSIVA. Empreendimento semiótico lançado pelo semiotista francês Algirdas Julien Greimas nos anos 60, para compreender a dimensão sensível da significação ou da semiose em ato. Não se trata de buscar o sentido dos textos, mas de compreender como o sentido é construído nas práticas discursivas. Trata-se, portanto, de estabelecer estratégias para a análise do devir do sentido e da mutação dos regimes de sentido. A semiótica discursiva também se define como sociosemiótica e como semiótica da cultura ao valorizar as práticas sociais como práticas significativas onde se constituem os valores.

BIOSEMIÓTICA. No campo da biologia, a natureza semiótica do organismo em seu ambiente foi descrito sistematicamente por Jakob von Uexküll (1864-1944). Ambiente não é "externo", mas "*Umwelt* subjetiva". *Umwelt* é o modo como o ambiente é representado à mente do organismo. Existem tantos tipos de *Umwelt* quanto de organismos. Cada espécie e cada organismo só pode perceber a estrutura biológica de seus receptores, seu cérebro, e sua perspectiva específica que seu ambiente permite perceber. O organismo é um receptor de sentidos com órgãos perceptuais e operacionais no ambiente cujos objetos são definidos como correntes de significação.

ECOSSEMIÓTICA. Estudo das inter-relações entre organismos e seu ambiente [*Umwelt*] a partir da perspectiva semiótica que eliminou a oposição entre o ambiente interno e o externo em favor de uma noção matemática de fronteira: filtro que estimula a tradução entre elementos internos e externos do sistema. O centro de interesse da ecologia semiótica não é o *homo semioticus*, mas o *organismus semioticus*. Nesse sentido, *semiosis* não se restringe a processos em organismos elaborados, a convenções culturais e sociais.

SEMIÓTICA DAS MÍDIAS. Quando os produtos dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, cinema, propaganda, história em quadrinhos, revistas de entretenimento, fotonovela etc.) passam a ser considerados objetos do estudo semiótico em meados dos anos 60, surge o campo da semiótica das mídias. Não se trata de considerar a mídia em si, mas seu funcionamento discursivo como, por exemplo, o discurso ideológico da imprensa, os mitos gerados pela publicidade. Roland Barthes e Umberto Eco são os teóricos que, nos anos 60, trataram de entender esse funcionamento no sentido de desvendarem nelas camadas de sentidos não explicitamente colocados. Em termos de "hipermídias", contudo, as mídias estão além da realidade dada por trás dos signos. Inicia-se um período de redefinição de mídia ante a pluralidade de mediações.

SEMIÓTICA CULTURAL. Uma das questões centrais da antropologia diz respeito à compreensão dos textos da cultura. Para responder a essa questão o trabalho do antropólogo foi compreendido por Clifford Geertz como um trabalho de interpretação. Contudo, em vez da pergunta "Como eu posso interpretar a cultura?", o desafio hoje é "como uma cultura compreende a si própria e uma outra?". Este não é um nível puramente descritivo dos sistemas culturais, mas de processos de recodificação resultantes nos mais diferentes tipos de intervenção. Embora tanto Lóttman quanto Bakhtin tenham desenvolvido pesquisas específicas ao problema da dialógica cultural, é preciso lembrar que, num outro pólo de reflexão, está a investigação antropológica tentando dar conta da interpretação das culturas e de todo o processo semiótico que gravita em torno dela. A antropologia interpretativa de Geertz caminha paralelamente à semiótica cultural de Lóttman e da ETM. Contudo, não se tem notícia de algum contato entre eles. Muitos dos estudos inspirados pela concepção de Geertz dialogam com Lóttman e complementam o circuito de idéias que não foram passíveis de ser realizadas no espaço e tempo da cultura. Esse nos parece ser o caso da pesquisa sobre a *semiodiversidade* realizada pelo antropólogo brasileiro

Antônio Risério. No entanto, são duas pesquisas que caminham individualmente.

CIBERSEMIÓTICA. Tudo o que se pode afirmar a respeito desse campo ainda é especulação – nada está formalizado. Um dado porém tenho como certo: a importância da concepção da *diálogo* como síntese das interações que povoam o universo e da *semiosfera* como espaço favorável para a interação necessária à evolução dos sistemas de signos. Com base nesses conceitos é possível compreender as linguagens da comunicação contemporânea e de sua nova configuração espacial que ocuparam o lugar dos meios. A propósito, nunca se falou tanto em linguagem e em texto como no campo da recém-nascida cibercultura. Exatamente porque a comunicação agencyada por processos ou redes digitais permitiu não apenas a expansão da linguagem para além do campo linguístico, como também a percepção de relações de linguagem em sistemas nunca antes considerados – do biológico ao digital – tornou-se imperativo encarar a semioticidade desse novo campo da cultura. Por ora, os principais temas desse campo são: o processamento dos códigos pela digitalização, a contaminação entre sistemas de diferentes linguagens, os discursos criados pelo diálogo planetário, a problemática da modelização das línguas que dão suporte a esse diálogo.

Talvez o maior desdobramento da ETM seja o legado de sua própria constituição como *escola*. Quem quiser se iniciar num processo de alfabetização semiótica para melhor se posicionar na cultura, sabe o endereço. Talvez esse seja o maior triunfo da ETM. Como surgiu de diálogos e debates orais, passando depois para o domínio da publicação escrita, ela consagrou um método da educação que, à distância, mobiliza a força viva dos campos conceituais.

Para a dinâmica dessa atuação da escola, que existe como academia, campo conceitual, centro de pesquisa, ponto de encontro de mentalidades, tem se dirigido a reflexão de Peeter Torop. Para ele, a Escola de Tártu-Moscú é um conceito mais amplo do que meramente o título de uma escola. Nem a morte de Lóttman, nem a interrupção dos

seminários têm força suficiente para desativar essa escola que funciona, agora, no espaço da investigação científica que ela fundou.

Bibliografia

- BARAN, Henryk (1974). "Introduction". *Semiotics and Structuralism. Readings from the Soviet Union*. New York, White Plains, pp. VII-XXVI.
- BAKHTIN, Mikhail (1982). *Estética de la Creación Verbal*. Trad. Tatiana Bubnova. México, Siglo 21.
- ECO, Umberto (1990). "Introduction". In: LOTMAN, Yuri. *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Trad. Ann Shukman. Bloomington/Indianapolis, Indiana University Press, pp. VII-XIII.
- EIKHENBAUM, Boris (1996). "La culture cinématographique. (Éléments pour un débat)". In: ALBERA, François (org.). *Les Formalistes russes et le cinéma. Poétique du film*. Paris, Nathan, pp. 223-226.
- IVANOV, V. V. et al. (1998). *Theses on the Semiotic Study of Cultures*. Tartu Semiotics Library 1.
- LOTMAN, Iuri (1978). *A Estrutura do Texto Artístico*. Trans. M. C. V. Raposo & A. Raposo. Lisboa, Estampa.
- _____. (1998). *La Semiosfera. Semiótica de la Cultura y del Texto*. Desiderio Navarro (org.). Madrid, Cátedra.
- _____. (1998). *La Semiosfera. Semiótica de la Cultura, del Texto, de la Conducta y del Espacio*. Desiderio Navarro (org.). Madrid, Cátedra.
- _____. (2000). *La Semiosfera. Semiótica de las Artes y de la Cultura*. Madrid, Cátedra.
- LOTMAN, I. M. (1979). "Sobre o Problema da Tipologia de Cultura". In: SCHNAJDERMAN, Boris (org.). *Semiótica Russa*. São Paulo, 1979, pp. 31-41.
- LOTMAN, Iuri M. (1994). *Cercare la strada. Modelli della cultura*. Trad. N. Marcialis. Venezia, Marcilio.
- LOTMAN, Yuri M. (1999). *Cultura y Explosión. Lo Previsible y lo Imprevisible en los Procesos de Cambio Social*. Trad. D. Muschetti. Barcelona, Gedisa.
- _____. (1990). *The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Trad. Ann Shukman. Bloomington/Indianapolis, Indiana University Press.
- LOTMAN, Iuri M. & USENSKI, Boris A. (1973). "Introduzione". *Ricerche Semiotiche. Nuove tendenze della Scienze Umane nell'URSS*. Clara Strada Janović (org.). Torino, Giulio Einaudi, pp. XI-XXVII.
- _____. (1995). *Tipologia della Cultura*. Trad. Manilla B. Faccani e outros. Milano, Bompiani.

- LOTMAN, I.; USPENSKI, B. & IVANOV, V. (1981). *Ensaio de Semiótica Soviética*. Trad. V. Navas & S. T. Menezes. Lisboa, Horizonte.
- LOTMAN, Y. M. & USPENSKI, B. A. (1976). *Travaux sur les systems de signes*. École de Tartu. Bruxelles, Complexe.
- LUCID, Daniel (ed.) (1977). *Soviet Semiotics. An Anthology*. Baltimore/London, The Johns Hopkins University Press.
- MACHADO, I. A. (1988). *Analógia do Dissimilar. Bakhtin e o Formalismo Russo*. São Paulo, Perspectiva.
- MARGOLIN, Uri (1994). "Moscow-Tartu School". In: GRODEN, Michael & KREISWIRTH, Martin (eds.). *The Johns Hopkins Guide to Literary Theory & Criticism*. Baltimore/London, The Johns Hopkins University Press, pp. 515-520.
- MENEZES, Salvato Teles (1981). "Introdução". In: LOTMAN, Iuri e outros. *Ensaio de Semiótica Soviética*. Trad. S. Menezes. Lisboa, Horizonte, pp. 6-24.
- PORTIS-WINNER, Irene (1994). *Semiotics of Culture: "The Strange Intruder"*. Bochum, Brockmeyer.
- PREVIGNANO, Carlo (1979). "Una Tradizione Scientifica Slava tra Linguistica e Culturologia". *La Semiótica nei Paesi Slavi. Programmi, Problemi, Analisi*. Milano, Feltrinelli, pp. 23-99.
- SEBEOK, Thomas A. (1998). "The Estonian Connection". *Semiotics Sign Systems Studies*, n. 26, University of Tartu, pp. 20-39.
- SCHNAIDERMAN, Bóris (1979). "Semiótica na U.R.S.S. - Uma Busca dos 'Elos Perdidos'". *Semiótica Russa*. São Paulo, Perspectiva, pp. 9-27.
- TOKOP, Peeter (1983-1984). "El Fenómeno Lotman". *Criterios. Estudios de Teoría Literaria, Estética y Culturología*. Havana, n. 5-12, jan. 1983-dez. 1984, pp. 90-98.
- _____. (1998). "Semiotics in Tartu". *Σημειωτική. Semiotics Sign Systems Studies*, n. 26. University of Tartu, pp. 9-14.
- _____. (1999). "Cultural Semiotics and Culture". *Σημειωτική. Semiotics Sign Systems Studies*, n. 27. University of Tartu, pp. 9-23.
- USPENSKI, Boris A. (1996). *Linguística, Semiótica, Storia della Cultura*. Bologna, Il Mulino.
- WIENER, Norbert (1993). *Cibernética e Sociedade. O Uso Humano dos Seres Humanos*. 9. ed. Trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix.
- ZALUZIŃAK, A. A.; IVANOV, V. V. & TOKOPOV, V. N. (1979). "Sobre a Possibilidade de um Estudo Tipológico-estrutural de Alguns Sistemas Semióticos Modelizantes". In: SCHNAIDERMAN, Bóris (org.). *Semiótica Russa*. São Paulo, Perspectiva.